



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA/INGLESA**

ROSANA DOS SANTOS SOARES

**REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DOS
LICENCIANDOS EM LETRAS/LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS DA UFRB/CFP: PERSPECTIVAS
DOCENTES E DISCENTES**

AMARGOSA
2017

ROSANA DOS SANTOS SOARES

**REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DOS
LICENCIANDOS EM LETRAS/LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS DA UFRB/CFP: PERSPECTIVAS
DOCENTES E DISCENTES**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras: Língua Portuguesa/ LIBRAS/ Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Letras: Língua Portuguesa/LIBRAS.

Orientadora: Profa. Esp. Midian Jesus de Souza Marins.

AMARGOSA
2017

ROSANA DOS SANTOS SOARES

**REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DOS
LICENCIANDOS EM LETRAS/LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS DA UFRB/CFP: PERSPECTIVAS
DOCENTES E DISCENTES**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em Letras:
Língua Portuguesa – Libras no Centro de
Formação de Professores, da Universidade Federal
do Recôncavo da Bahia.

Aprovação em: Amargosa-BA 19 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Midian Jesus de Souza

Prof^ª. Esp. Midian Jesus de Souza Marins (orientadora)

Thereza Bastos

Prof^ª. Dr^ª. Thereza Cristina Bastos Costa de Oliveira

Sátilla Souza Ribeiro

Prof^ª. Esp. Sátilla Souza Ribeiro

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado força e coragem para concluir essa importante etapa.

À instituição por possibilitar-me galgar outros horizontes.

Aos meus pais, Antônio e Jacira, a minha família pelo incentivo e ajuda nos momentos difíceis.

À turma, em especial a Eliene, Filipe, L. Juliana, Manuela, Neila e Simone, amigos que levarei das vivências acadêmicas para a vida, com vocês esta caminhada teve um sabor especial.

À Luís Marcos pelo apoio carinho e compreensão.

À minha orientadora Midian Marins pelas orientações, contribuições e paciência nas etapas deste trabalho.

Aos professores de Letras, em especial Fernanda Almeida, Ângela Vilma, Silvana Carvalho, Tarcísio Cordeiro e Gleide Sacramento.

Ao professor Carlos Adriano, pelo carinho e incentivo no começo deste ciclo e por ter acompanhado parte de minha trajetória na escola básica.

Ao professor Fábio Josué, pelo auxílio e atenção despendida.

À Zélia Santos pela amizade e auxílio nos momentos de aflição.

À Gilmara Ferreira, pelo apoio, carinho e por ter me possibilitado outras leituras.

À Maurício Andrade, pela ajuda e atenção.

À todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Os estudos em torno da docência em Libras são ainda recentes no cenário nacional. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre os obstáculos e avanços que envolvem a formação deste profissional na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, campus Amargosa, tendo como base a perspectiva dos docentes e discentes, como principais sujeitos envolvidos neste processo. O corpus do trabalho foi constituído por dois docentes e quatro discentes, o mesmo desenvolveu-se por meio da pesquisa de campo de caráter exploratório descritivo, no qual foi feita a comparação da visão desses dois grupos de sujeitos. Os estudos tiveram como principais referenciais teóricos Gesser (2009), Gatti (2010), Albres (2012), Martins (2012) e Tardif (2012) além de políticas que nortearam essa formação. Por meio da análise e discussão dos dados percebeu-se que a quantidade de docentes ainda é insatisfatória, o que tem impossibilitado a oferta de uma matriz curricular que melhor atenda as necessidades do curso de Letras/Libras da UFRB/CFP o que tem gerado entraves no ensino e aprendizado da Libras e bem como dificultado o seu fazer pedagógico. Mesmo com essas dificuldades que cercam essa formação é notório nesse percurso, avanços significativos desde a instalação desta graduação, como entrada de docentes mesmo em número ainda reduzido, ampliação do acervo na área, além desta como primeira graduação presencial em Letras/Libras contribuir significativamente para as primeiras práticas na educação inclusiva dos surdos amargosenses e cidades circunvizinhas.

Palavras-chave: Formação. Libras. Letras/Libras. Docentes. Discentes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS NO BRASIL	9
2.1 A FORMAÇÃO DOCENTE E SUA COMPLEXIDADE	9
2.1.1 A responsabilidade das licenciaturas na formação docente	12
2.2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	14
2.3 OS PRIMEIROS PASSOS VOLTADOS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS: ALGUMAS POLÍTICAS PÚBLICAS E MARCOS LEGAIS	16
3. ALGUMAS POSSIBILIDADES DE CAPACITAÇÃO DO DOCENTE EM LIBRAS	20
3.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA AO INSTITUIR O CURSO LETRAS/LIBRAS E ALGUMAS INSTITUIÇÕES	20
3.2 O CURSO LETRAS LIBRAS NA UFRB/CFP	24
3.3 ALGUMAS ADVERSIDADES QUE ENVOLVEM A FORMAÇÃO DOCENTE DE LIBRAS A NÍVEL NACIONAL	27
4. METODOLOGIA	30
4.1 A PESQUISA	30
4.2 O CAMPO DA PESQUISA	30
4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA	31
4.4 OS INSTRUMENTOS PARA COLETA E ANÁLISES DOS DADOS	32
4.5 O PRÉ-TESTE	33
5. A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM LIBRAS/LIBRAS NA UFRB/CFP: ANÁLISE DOS DADOS	35
5.1 COMO OS DISCENTES CONCEBEM SUA PRÓPRIA FORMAÇÃO?	35
5.2 OS AVANÇOS E ENTRAVES QUE ENVOLVEM O ENSINO DE/EM LIBRAS NA VISÃO DOS DOCENTES	50
5.3 – COMO SE CONTITUI O FAZER PEDOGÓGICO NO ENSINO DESSA LÍNGUA?	60
6. CONCLUSÕES	63
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	69
APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	70
APÊNDICE C – ENTREVISTA DOS DOCENTES	83

INTRODUÇÃO

A língua Brasileira de Sinais – Libras foi reconhecida enquanto língua, a partir da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a qual dispõe sobre sua legitimidade, ressalta seus aspectos gramaticais próprios e determina que o poder público de modo geral a apóie e faça a sua divulgação por meio de formas institucionalizadas. Essa Lei federal foi regulamentada pelo Decreto federal nº 5.626 em 22 de dezembro de 2005, esse segundo dispositivo legal direciona como deve ocorrer o atendimento às pessoas surdas no âmbito educacional e da saúde, por exemplo, além de dispor como deve ocorrer a formação do docente em Libras.

De acordo com o Decreto federal citado anteriormente, é de responsabilidade dos cursos de Letras/Libras a capacitação de docentes em Libras no nível superior. No entanto, percebe-se que, muitas vezes, o ensino dentro dessas Instituições de Ensino Superior (IES) é dissociado da prática docente, centrando-se basicamente em conhecimentos científicos, ou seja, os graduandos normalmente passam a maior parte do curso vendo os aspectos linguísticos da língua sinalizada de forma metódica sem qualquer relação com o seu uso (ALBRES, 2012). A graduação em Letras/Libras é recente, se comparada com os demais cursos, atualmente vários estados já ofertam essa formação, nas modalidades presenciais e a distância por todo o Brasil. Mas ainda não há muitos estudos relacionados ao docente de Libras.

A formação do professor de Libras perpassa ainda pela falta de professores com formação, especialmente na Bahia região em que ocorreu esta pesquisa, pois ainda não se tem um número significativo de doutores na área; poucos surdos adentram o espaço acadêmico e nos cursos de Letras/Libras com característica de dupla habilitação, pode ser também que o currículo não contemple todas as disciplinas necessárias à formação desses profissionais. Essas são, provavelmente, algumas das problemáticas que envolvem a formação do professor de Libras no Brasil e na região nordeste. Em virtude de poucos estudos nessa área a presente pesquisa baseada na realidade do Centro de Formação de Professores – CFP, sendo este o primeiro curso de Letras/Libras presencial na Bahia, apresenta o seguinte questionamento: como tem se desenvolvido a formação inicial dos licenciandos em Letras/Língua portuguesa/Libras da UFRB/CFP na perspectiva dos discentes e docentes deste curso?

A pesquisa aqui apresentada se desenvolveu na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, de modo mais restrito no Centro de Formação de Professores, doravante UFRB/CFP, o qual tem a graduação em Letras/Libras como um de seus cursos. As discussões

dentro desse próprio curso sobre a escassez de pesquisa na área da docência em Libras e entre os estudantes, nas quais são colocadas algumas dificuldades enfrentadas pelo curso, como falta de professores, oferta de poucas disciplinas na área e disposição de pouco espaço para a prática, foram motivações para o desenvolvimento desta pesquisa. Pois provavelmente esse cenário tem levado a maioria dos estudantes a não se considerar preparados para atuarem na rede básica de ensino como professores de surdos e ouvintes.

Então, baseando-se na realidade da UFRB, do Centro de Formação de Professores - CFP, o qual conta com a primeira graduação em Letras/Libras presencial na Bahia, como mencionado anteriormente, pretende-se como objetivo geral fazer uma reflexão sobre este curso buscando investigar quais os obstáculos e avanços envolvem a formação inicial dos licenciados em Letra/Língua/portuguesa/Libras, na perspectiva de dois grupos de sujeitos envolvidos nesse processo formativo: os professores de Libras que estão vinculados ao curso e os discentes matriculados ou egressos recentemente.

Desse modo, busca-se especificamente para a reflexão a respeito da formação inicial dos licenciados em Letras/Língua Portuguesa/Libras do CFP, Identificar a percepção dos estudantes acerca do seu próprio processo formativo; verificar quais as dificuldades e avanços mencionados pelos docentes do curso no ensino dessa/nessa língua, bem como averiguar o fazer pedagógico no que concerne o ensino da mesma. Para tanto, a pesquisa teve como principais referenciais teóricos, Gesser (2008/2009), Gatti (2010), Albres (2012), Martins (2012) e Tardif (2012) além de políticas que nortearam essa formação.

Além da introdução aqui apresentada, a pesquisa está seccionada em cinco capítulos. O segundo tem como título *As dificuldades do professor de Libras no Brasil*, o qual trata da formação docente em geral, do reconhecimento da Libras e dos primeiros mecanismos voltados para formação do professor de Libras. O terceiro capítulo nomeado *A capacitação do docente em Libras após o Decreto federal 5626/2005*, apresenta algumas das instituições que formam o docente em Libras no Brasil, incluindo a UFRB, campo objeto da pesquisa. O quarto capítulo intitulado *Metodologia* trata dos passos metodológicos da pesquisa. Inicialmente, para o procedimento de entrevista, foi feita a coleta dos dados por meio do instrumental roteiro de entrevistas e gravador. A mesma desenvolveu-se com seis sujeitos: dois docentes e quatro discentes do curso de Letras/Libras da UFRB/CFP. O último capítulo, *A formação do licenciando em Libras na UFRB: análises dos dados*, apresenta as análises e discussões dos resultados obtidos.

Esta pesquisa faz uma reflexão dos avanços e obstáculos enfrentados na formação inicial do docente em Libras, na perspectiva dos discentes e dos docentes vinculados a instituição.

Essa discussão acerca da formação de professores de Língua de sinais na UFRB é relevante, pois permite que o Centro de Formação de Professores – CFP juntamente com o corpo acadêmico reflita acerca de seu processo formativo a partir das percepções dos discentes e docentes, tendo em vista que, como primeiro curso de graduação em Letras/Libras inserida no interior da Bahia tem suas próprias problemáticas e singularidades.

Ao considerarmos que existem poucos professores nessa área, poucos surdos inseridos no âmbito acadêmico a nível de Bahia, poucos estudos sobre alguns aspectos da própria Libras é preciso pensar, questionar como está ocorrendo a graduação desse profissional. No sentido de garantir uma formação completa a esses professores, para que sejam capazes de contextualizar esse ensino para o indivíduo ouvinte e para o surdo principalmente, no sentido de que estes tenham maiores condições de acesso ao ensino superior. Essas reflexões possibilitarão ainda que o Centro de Formação de Professores enquanto instituição possa cumprir melhor o seu papel social, de levar uma educação de qualidade para a comunidade surda.

2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS NO BRASIL

O objetivo deste primeiro capítulo é apresentar uma visão geral acerca das dificuldades da formação docente, e a partir dessas discussões iniciais, tecer questionamentos sobre a formação do docente de Libras em específico, tendo em vista a escassez de pesquisas voltadas diretamente para essa temática.

Para tratar da formação do professor de Libras, começamos por discutir os saberes necessários ao ser professor e o papel das licenciaturas para essa formação. Demonstrando assim a ação complexa no ato de formar professores. No segundo momento, são apresentados os dispositivos legais que contribuíram para o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, o surgimento do curso Letras/Libras, assim como as instituições que atualmente ofertam essa graduação e as primeiras políticas voltadas para a educação de surdos.

2.1 A FORMAÇÃO DOCENTE E SUA COMPLEXIDADE

O indivíduo se constitui professor em contato com os estudantes, na relação que há entre ambos. Freire (1996, p. 25) conceitua a docência como um elemento inseparável da discência, considerando que esses dois termos não se completam, há um processo de equilíbrio entre “o ser docente” e “o ser discente”, pois o indivíduo aprende ao ensinar e ao mesmo tempo, quem aprende também está ensinando ao aprender. Desse modo, Freire (1996, p.116) considera que o papel do professor independentemente do conteúdo a ser ensinado, consiste na ação de estimular o estudante para que ele próprio seja o construtor do seu conhecimento por meio dos instrumentos ofertados em sala, essa é a função indispensável ao ser docente.

Discutir a temática formação de professores requer cautela, porque diferente de outras profissões esta tem como objeto de trabalho o ser humano, como afirma Tardif (2012, p. 133), “[...] um dos principais problemas do ofício de professor, é trabalhar com um objeto que, de uma maneira ou de outra, foge sempre ao controle do trabalhador”. Isso acontece, porque tal profissão lida muitas vezes com seres em formação, com suas dificuldades, diversidades e com suas capacidades de interferir na ação docente. Outras profissões lidam com o indivíduo, mas somente o docente tem a incumbência de lidar com o

conhecimento, para com estes. Desse modo, se referindo à formação inicial Silva (2009) diz que:

[...] os profissionais que ensinam na sala de aula desenvolvem ou adquirem um tipo de conhecimento prático somente com o exercício da prática pedagógica. Nessa ordem de entendimento, adentra-se por uma vereda espinhosa: não se aprende a prática docente na sala de aula da graduação em Pedagogia e das Licenciaturas (SILVA, 2009. p 105).

Desse modo, Silva (2009) evidencia que somente o contato com a própria dinâmica da sala de aula, da vivência com os estudantes é que se constitui professor, pois é nesse ambiente que se desenvolve a prática pedagógica de maneira espontânea e por conta disso essa não é reproduzida nas salas de aulas das licenciaturas.

Em consonância, Freire (1996) defende que a especificidade do ser professor, está na própria formação desse profissional, a qual não acontece somente com bases teóricas e sim através de ações as quais devem ser desenvolvidas pelos futuros professores para com seus alunos. Nessa mesma perspectiva, Silva (2009) em seu livro *Complexidade da formação de professores: saberes teórico e saberes práticos* chama a atenção para a necessidade de mudanças significativas na formação docente, se tratando da promoção da relação teoria e formação continuada dos docentes, como elementos que se inter-relacionam e caracterizam a complexidade do ser professor, como podemos ver na citação abaixo.

Reiteramos, [...], que desde o início dos anos 90 pesquisas brasileiras e estrangeiras vêm apontando que a formação de professores precisa passar por reformulação radical e que isso estabelece relação, [...], com a natureza dos dois saberes que sustentam a docência e com o tipo de relação inexorável que há entre eles. E [...] não se trata de confrontar formação inicial com formação continuada e vice-versa. Trata-se, sim, de pensar a complexidade da formação dos profissionais que ensinam em nossas escolas (SILVA, 2009, p. 107-108).

A instrução para a docência, seja ela em que área for, necessita de reflexões sobre se há realmente a verdadeira proposição da conexão entre os conteúdos conceituais e práticos, tendo em vista que, a ação docente além de depender da instrução dos aspectos teóricos e científicos da academia, demanda ainda outros saberes que se desenvolvem na prática. Como discorre Tardif (2012):

O saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber *deles* e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula [...] (TARDIF, 2012 p. 11).

Então, o desenvolvimento desses saberes dependerá do quanto o professor graduando buscou, de forma individual, os conhecimentos por meio de leituras, bem como das disciplinas as quais escolheu, das relações culturais e familiares que presenciou. Em consonância com essas ideias, Freire afirma:

Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho (FREIRE, 1996, p.41).

Nesse sentido, o autor considera o fator “prática” de grande importância para ação docente, para a desenvoltura do professor em sala de aula, uma vez que este tem que lidar com diferentes situações. Em concordância, Borges (2004) mostra a reflexão dos docentes que já estão em serviço, a respeito de sua formação inicial.

[...] ao avaliarem os conhecimentos adquiridos na licenciatura, os professores vão fazendo um balanço entre as diferentes experiências pessoais, pré-profissionais e profissionais [...] os docentes localizam uma defasagem entre a formação inicial e os saberes que julgam necessários á pratica profissional (BORGES, 2004, p. 122).

Dessa maneira, o que caracteriza a formação do professor e a relação dos *saberes experienciais* advindos da própria vivência dos docentes e do *humano como objeto de trabalho* (TARDIF, 2010), e *a relação entre teoria e prática* posta por Freire (1996), a qual, possivelmente, não está sendo ofertada nas instituições formadoras. Assim, sem esse último aspecto não é possível compreender as particularidades de se trabalhar com indivíduos e nem adquirir os saberes necessários a esse ofício.

2.1.1 A responsabilidade das licenciaturas na formação docente

A Lei 9.394/96 que indica as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB determina que a formação mínima para o exercício da docência nos dois níveis, infantil e básico, aconteça por meio das licenciaturas. A referida lei foi regulamentada pelo Decreto 3.276/99 e sofreu alterações em 2013.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL/LDB, 1996, p. 34-35).

Apesar da exigência de que profissionais sejam licenciados para atuar na rede básica de ensino, como mostra os dispositivos legais supracitados, há discussões sobre a insuficiência desta modalidade de instrução docente por parte de vários intelectuais. Pereira (1999, p.112) diz que muitos estudiosos parecem concordar que as licenciaturas não são eficientes na formação docente, por estas serem constituídas por currículos tradicionais, assim, são criticadas primordialmente pela dissociação entre teoria e prática. Além de essa prática ser encarada muitas vezes como a simples execução de saberes teóricos sem uma profunda problematização.

Contraditoriamente, no que se refere à reestruturação das licenciaturas, Carvalho (1992, p.54) diz que apenas a mudança curricular não terá efeito satisfatório para a questão “formação de professores”, mas essa problemática carece de mudanças paradigmáticas. Já que problemas de ordem sociais interferem nas atividades pedagógicas, do mesmo modo em que os problemas institucionais geram impactos na sociedade. Ou seja, para repensar as licenciaturas e a formação docente, segundo Carvalho (1992, p. 52) é necessário levar em conta primeiramente aspectos tais como a desvalorização dos professores e em consequência desta, os baixos salários que tais profissionais recebem, entre outros fatores.

Como consequência direta do rebaixamento salarial da profissão, os candidatos aos cargos de professor também sofrem um rebaixamento social. Hoje a grande maioria de alunos de licenciatura são provenientes da classe média e média baixa, alunos que precisam trabalhar durante o dia e estudar a noite (CARVALHO, 1992 p. 52).

Além das questões extrainstitucionais citadas que envolvem a formação docente, em relação às implicações de ordem institucionais que afetam a sociedade, Carvalho (1992) parte da premissa de que não se formam bons professores, observando que a maioria dos docentes muitas vezes não domina o “conhecimento da matéria”, não se tem a “prática de ensino” nas instituições, não havendo assim a promoção da relação “teoria/prática/teoria”. Carvalho (1992) considera que este último fator se encontra presente nas licenciaturas somente no âmbito dos “conhecimentos específicos” e da “didática de ensino”, desse modo às disciplinas pedagógicas não têm esse espaço de diálogo entre teoria e prática.

Não existe em nenhuma grade curricular de nenhum curso de formação de professores um espaço para que os alunos exercitem a relação teoria/prática/teoria nos conteúdos pedagógicos. Pensar que esses conteúdos têm produção de conhecimento, que são satisfatórios e que possam ser simplesmente transmitidos absorvidos de uma maneira direta pelos futuros professores é no mínimo, ignorar a produção acadêmica de todas as faculdades de educação. [...] além de uma proposta de mudança de paradigma, propomos também uma revisão nas propostas curriculares dos cursos de licenciatura (CARVALHO, 1992 p. 60-61).

Observamos que Carvalho, priorizando a ação didática em suas conclusões, ao relatar a falta de espaço da relação teoria/prática/teoria nos componentes pedagógicos das licenciaturas, chama a atenção também para a necessidade de se repensar as matrizes curriculares dos cursos de licenciaturas, como elemento importante na formação do professor.

No que se refere à reestruturação dos currículos, Gatti (2010) explica que há vários problemas que contornam as licenciaturas, desde questões estruturais até dificuldades de ordem curricular. A autora salienta que por essas problemáticas envolverem uma série de fatores como os “aspectos das culturas nacionais, regionais e locais”, as formas em que as escolas estão instaladas em seus aspectos estruturais e funcionais, além da realidade dos docentes da educação básica com seus salários e condições de trabalho. Desse modo, apenas os professores e sua formação não podem ser os responsáveis pela situação em que se encontram as licenciaturas. Mesmo considerando os fatores externos que impactam a formação docente de um modo geral, a autora diz o seguinte a respeito das formações iniciais em particular:

Mesmo considerando essa conjunção de fatores, pensamos ser importante chamar a atenção para a questão específica da formação inicial dos professores, o que envolve diretamente as instituições de ensino superior, em especial as universidades (GATTI, 2010, p. 1359-1360).

Ao se referir às problemáticas que envolvem a formação docente, Gatti não deixa de considerar os impasses que estão além das instituições formadoras, como baixos salários e condições de trabalho. A autora considera que as responsabilidades da formação inicial, em particular, também não estão centradas somente na figura do docente e em sua formação, mas na instituição como um todo, ou seja, ao problematizar as questões que permeiam a formação docente inicial deve-se investigar as instituições que ofertam tal formação, pois estas são as responsáveis por promover a base da formação do futuro docente, então é por meio das instituições que temos acesso aos entraves e dificuldades dos professores que lecionam nesses espaços e dos graduandos, que serão os futuros professores.

Enquanto Carvalho (1992) parte das categorias macro como plano de carreira, baixos salários, entre outros aspectos, para pensar a reformulação da licenciatura e consequentemente a formação docente, os outros dois autores consideram a perspectiva inversa quando a problemática centra-se na formação inicial, ou seja, Gatti (2010) e Pereira (1999) acreditam que o problema da formação docente se configura pela maneira como estão dispostos os currículos e pela falta da efetiva prática pedagógica.

Apesar das divergências, podemos inferir que tanto Carvalho (1992) quanto Gatti (2010) e Pereira (1999) acreditam que as licenciaturas não estão formando bons professores.

A próxima seção apresenta a Libras, trata das questões relacionadas à formação do professor de Libras em específico, bem como discute os principais mecanismos dessa instrução como conquistas importantes para a legitimação dessa língua e consequentemente das reflexões sobre a formação de docentes de Libras.

2.2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

É necessário enfatizar o seguinte: “Libras é língua”. Embora pareça repetitivo, esse discurso ainda precisa ser reafirmando constantemente, pois grande parte da sociedade ainda não tem consciência desse idioma enquanto sistema linguístico. Dessa maneira, para que essa língua se constitua socialmente é importante que a sociedade brasileira de um modo geral,

tenha convicção da existência da Libras enquanto língua, tendo em vista que é por meio dessa conscientização coletiva que a pessoa surda se livrará aos poucos dos estigmas que tratam a surdez como um elemento que lhes falta, de modo que viabilizar esse acesso a língua possibilitará que a surdez seja encarada como uma marca linguística e cultural (GESSER, 2009, p.09-10). Pois:

A construção da identidade *deficiente* (e todos os seus derivados pejorativos) está ainda muito presente na vida dos surdos, e junto com ela uma série de práticas encapsuladas no projeto clínico hegemônico. Isto ocorre porque a surdez é tanto uma construção cultural como um fenômeno físico (GESSER, 2008, p. 286).

No sentido de desmistificar essa visão enraizada sobre a pessoa surda, Gesser (2009) em seu Livro *Libras? que Língua é essa?* nos faz algumas indagações para justamente afirmar, por exemplo, que essa língua não é universal ao considerarmos que em cada nação os surdos usam línguas diferentes e conseqüentemente têm suas culturas. Assim, o universal é apenas o seu impulso para a comunicação.

A artificialidade também não é uma característica da Libras, pois a mesma se desenvolveu da necessidade de um grupo se comunicar, ou seja, evoluiu de modo natural, espontâneo e não planejado para uma finalidade como é caso do esperanto¹ e do gestuno². Além de seu uso não se restringir ao alfabeto manual, esse sistema é constituído de gramática própria, ou seja, possui assim como as línguas orais os níveis fonológico, morfológico e sintático. Esse reconhecimento linguístico aconteceu com base nos estudos do linguista norte americano William Stokoe, que ao pesquisar a Língua de Sinais America – ASL discriminou três parâmetros que compõem os sinais, são eles: Configuração de mão (CM), Ponto de articulação (PA) ou Locação (L) e Movimento (M) (GESSER, 2009).

A língua de sinais tem sua gramática, assim como qualquer outra língua, é dotada de sentido e atende as necessidades comunicativas de seus usuários, no entanto trata-se de uma língua minoritária que precisa ser difundida. A próxima seção trata das primeiras políticas e dispositivos legais relacionados à educação de surdos.

¹ Segundo Gesser (2009, p. 12 -13) O esperanto é uma língua oral, artificial, pois esta tem o objetivo principal de estabelecer a comunicação internacional, funcionando assim como auxiliar.

²O gestuno também nomeado como “língua de sinais internacional” é da mesma forma que o esperanto, uma língua construída e intencionalmente planejada.

2.3 OS PRIMEIROS PASSOS VOLTADOS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS: ALGUMAS POLÍTICAS PÚBLICAS E MARCOS LEGAIS

O *Libras em contexto* foi uma coletânea com oito livros, publicados entre os anos de 1997 e 2006. Este material foi motivado por um grupo de pesquisadores inicialmente formados por surdos e ouvintes, que se debruçavam em torno do estudo da Libras e de métodos para o ensino desta língua para ouvintes desde 1992. Inicialmente o instrumento produzido serviu de material didático para os cursos de Libras em nível básico, os quais eram ofertados nos Centros de Apoio a Educação de Surdos – CAS. Anos depois a coletânea resultou no programa “Interiorizando a Libras” que em parceria com Federação Nacional de Educação de Surdos- FENEIS³, o Ministério da Educação – MEC e a Secretaria de Educação Especial – SEESP, pode ter o seu conteúdo difundido nacionalmente em parceria com as Secretária Nacional de Educação – SNE (FELIPE; TANYA, 2007, p.5). Em seu início esse material contribuiu para que a Libras chegasse ao conhecimento de várias pessoas.

Esta pesquisa surgiu da necessidade de surdos, que ensinando sua língua de sinais sem preparo acadêmico e metodológico, perceberam a importância de uma sistematização de um material didático-pedagógico para o ensino de língua e, recorrendo à autora deste trabalho e coordenadora do Grupo de Pesquisa da FENEIS, formaram, desde 1992, uma equipe que vem pesquisando a Libras e metodologias para ensino de língua (FELIPE; TANYA, 2007, p. 11).

Segundo Felipe e Tanya (2007, p. 9), o referido material objetivou tornar possível o ensino da Libras em nível básico com cursos com a dupla função: formar instrutores de Libras e capacitar os docentes da rede básica para o uso da Libras no ambiente escolar partindo do reconhecimento dos direitos linguísticos dos alunos surdos.

O material *Libras em contexto*, que serviu para tornar viável o ensino da Libras no espaço escolar, através do programa “Interiorizando a Libras” foi de grande importância, pela real falta de docentes com essa formação em todo país, assim era urgente que se

³ A Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos – FENEIS é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que desenvolve políticas de valorização da língua dos surdos, de sua cultura, em defesa de seus direitos desenvolve atividades de educação formal, informal bem como atividades educacionais, sociais e programas de saúde específicos para crianças e para a terceira idade.

promovesse este contato dos professores da rede básica e futuros instrutores com a Libras, além de essa ação incentivar outras pesquisas e conquistas para a comunidade surda.

Outra ação que marcou positivamente a história dos surdos e resinificou a visão em torno dos modelos educacionais existentes, foi o reconhecimento linguístico dessa Língua a qual posteriormente foi regulamentada pelo Decreto federal 5626/05 outro documento importante nesse sentido como veremos abaixo.

A Lei Federal 10.436/2002 foi responsável por reconhecer e assegurar legalmente o status linguístico da Libras enquanto língua de sistema viso-espacial.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL/2002).

Esse dispositivo legal cita a obrigatoriedade do ensino de Libras nas seguintes instâncias:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, conforme legislação vigente (BRASIL/2002).

Observa-se que a Lei federal 10.436/02 ordena a inserção da disciplina Libras nas instituições educacionais federais e estaduais, como também nos cursos de capacitação de educação especial, fonoaudiologia e magistério como método de inclusão. Nesse sentido, tem-se depois da Lei federal 10.436/02 e do Decreto federal 5.626/05, documento que tem como uma de suas funções regularizar, ou seja, direcionar e especificar como vai ser feita na prática a inserção da Libras como matéria nessas áreas. Dessa forma, o Decreto direciona e especifica os aspectos apresentados na lei, no qual fica determinado que a Libras como disciplina deve ser oferecida em:

Art. 3º § 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (BRASIL/2005).

Com relação a esta última determinação do Decreto Federal 5626/05, tem-se como leitura importante a tese de mestrado de Santos (2015), na qual a autora investiga as contribuições da disciplina Libras na formação do professor, por meio de um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Foi a partir desses dois dispositivos legais que se começou a pensar como se daria a criação dos primeiros cursos de Licenciatura em Letras/Libras para a formação de docentes nessa área, como mostra novamente o Decreto federal 5.626/05.

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;

II - de **licenciatura** em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;

III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL/2005) (grifo nosso).

Até então não se tinha praticamente um curso de nível superior voltado especificamente para a formação de professores ou para tradutores e intérpretes de Libras. Assim, no ano de 2006 o Ministério da Educação - MEC desenvolveu o Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e no Ensino de Libras - PROLIBRAS, com o intuito de certificar as pessoas que já dominavam a Libras, mas que não tinham nenhuma formação ou documentação que comprovasse essa competência. O exame Prolibras aconteceu em conjunto com outras instituições públicas sendo que nos anos de 2006 a 2008, o mesmo foi coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

pelo fato dessa instituição na época já ser considerada referência no que se referia a Libras (UFSC/2009).

Basicamente, esse exame objetiva avaliar a compreensão e produção na Língua Brasileira de Sinais – Libras. O exame Prolibras não substitui a formação em todos os níveis educacionais. Os cursos de graduação para a formação de professores de Libras e de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa já começaram a ser oferecidos no país. No entanto, o prazo de formação e criação desses cursos é mais longo. Assim, o exame Prolibras vem resolver uma demanda de curto prazo (QUADROS, et. al, 2009, p. 23 e 24).

Além de cumprir o que é posto no Art. 8º do Decreto federal 5626/05 “O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua” (BRASIL/05). O exame mencionado apresentou-se como uma inovação para a educação de surdos por este promover pela primeira vez no Brasil um exame que “identifica a proficiência na Libras”, o mesmo exame certifica o candidato para o exercício de duas profissões, conforme escolha (1) o ensino da Libras e (2) a tradução e interpretação da Libras e Português (QUADROS, et. al, 2009, p. 25). Desse modo, o candidato escolhe a docência ou atividade tradutória sendo que não há dupla habilitação de modo simultâneo, ou seja, o candidato só poderia fazer uma habilitação por exame.

A comissão responsável por coordenar e aplicar o exame Prolibras era formada por Instituições de Ensino Superior – IES, as quais tiveram receio de realizar o exame, pois além de uma experiência nova no cenário nacional, não havia nada equivalente ao que era colocado, ou seja, ainda não existia na esfera mundial um exame relacionado a alguma língua gestual destinado a uma quantidade ilimitada de candidatos em um país e que fosse aplicado ao mesmo tempo (QUADROS, et. al, 2009, p. 27).

Assim, a junção desses acontecimentos constitui parte da história do sujeito surdo e também se configura nas primeiras ações para se pensar na educação desses indivíduos como seres capazes e merecedores dos mesmos direitos concernidos às pessoas ouvintes. Na seção seguinte, comenta-se sobre a Libras e a necessidade de reafirmação desta, como ação importante para o reconhecimento da pessoa surda e de sua cultura, mesmo após o seu reconhecimento linguístico.

3. ALGUMAS POSSIBILIDADES DE CAPACITAÇÃO DO DOCENTE EM LIBRAS

Este capítulo apresenta o primeiro curso de graduação com objetivo de formar professores de Libras no Brasil, explana sobre alguns cursos de Letras/Libras presenciais situados na região nordeste, mostrando as formas de ingresso, suas matérias específicas e pedagógicas para a formação, bem como o objetivo desta. É importante ressaltar que é dada maior relevância com relação a essas discussões a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, por esta instituição constituir-se campo desta pesquisa. Por fim, discutiremos os problemas que envolvem a formação desse profissional, a nível nacional.

3.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA AO INSTITUIR O CURSO LETRAS/LIBRAS E ALGUMAS INSTITUIÇÕES QUE FORMAM O DOCENTE EM LIBRAS NO NORDESTE

Um dos primeiros cursos de graduação com o objetivo de formar professores de Libras foi instituído em 2006, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Tal graduação se desenvolveu, neste primeiro momento, na modalidade à distância, em convênio com mais oito instituições. A saber, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Universidade de Brasília (UNB), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET/GO) e, por fim, a própria UFSC. (QUADROS, 2014, p. 346). Essas instituições eram pólos dos cursos ofertados pela UFSC.

No ano de 2008, essa proposta foi ampliada para mais nove instituições, ou seja, mais nove pólos juntamente com abertura de vagas nas turmas já existentes; excluindo as instituições USP, UFAM e UFSM supracitadas, as quais foram trocadas pela UNICAMP, UFPR e UFRGS.

Desse modo, entram nessa lista de ampliação as seguintes instituições: Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual do Pará (UEPA), Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio grande do Norte (CEFET/RN) e Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande de Minas Gerais (CEFET/MG).

Além da proposição do Bacharelado como primeira capacitação de tradutores intérpretes de Libras (QUADROS, 2014, p. 346).

O intuito era lançar novas sementes para serem cultivadas por uma nova geração de profissionais. Iniciamos pelo cuidado com a organização das equipes que trabalhariam neste curso. Uma tarefa nada fácil foi a busca de profissionais bilíngues no Brasil que estivessem dispostos a desenvolver, como pioneiro, os primeiros materiais pedagógicos bilíngues para surdos (CERNY; VILHALVA, 2014, p. 38).

Desse modo, considerando o pioneirismo de tal instituição como disseminadora das primeiras noções de ensino e aprendizagem no que se refere à Libras, se faz importante conhecer sua organização curricular e demais características do curso iniciado em 2006. Sobre isso, é importante mencionar que as reflexões que se seguem não têm a intenção de tomar esta grade curricular como o modelo a ser seguido, pois cada região tem as suas características, as quais demandam grades curriculares específicas.

A relação pedagógica é dialógica e bilateral, o fazer em sala de aula que “dá o tom” de como esse currículo se manifesta. Não existe um currículo ideal, pois cada qual atende uma necessidade específica e situada histórica e politicamente (ALBRES, 2016, p. 115).

A graduação em Letras/ Libras da UFSC tem como objetivo geral formar docentes para atuarem no ensino de Libras como primeira língua - L1 e segunda língua - L2. Para isso, o currículo da mesma se encontra dividido em três eixos: os de formação básica, específica e pedagógica (QUADROS, 2014, p. 306).

No que tange os saberes específicos da Libras, são apresentados as seguintes disciplinas: Fundamentos da Educação de Surdos, História da Educação de Surdos, Teorias da educação e estudos Surdos, Aquisição de língua materna, Ensino de primeira língua, Língua Brasileira de Sinais I, II, III, IV, V, VI, Escrita de Sinais I, II, III, Literatura Visual, Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas e Tradução e Interpretação de língua de sinais (QUADROS, 2014, p. 311).

No que compete à instrução do conhecimento metodológico têm-se a relação dos seguintes componentes curriculares: Didática e educação de surdos, Psicologia da Educação

de Surdos, Educação de Surdos e Novas Tecnologias, Metodologia de Ensino em Língua Brasileiras de Sinais como L1, Metodologia de Ensino em Língua Brasileira de Sinais como L2, Estágio em Literatura Visual, Estágio em Língua Brasileira de Sinais como L1, Estágio em Língua Brasileira de Sinais como L2, Introdução a Educação à Distância e Metodologia de Ensino em Literatura visual (QUADROS, 2014, p. 311-312).

Levando em consideração o que é discriminado em seguida por Martins (2012, p. 44), podemos dizer que ambas as disposições que se referem aos componentes específicos e metodológicos da referida graduação, atendem ao objetivo geral do curso, que é formar professores para ensinar Libras a surdos e ouvintes, pois há a oferta tanto de componentes tidos como básicos para a formação como também componentes intrínsecos a essa finalidade.

Referindo-se às instituições pós-decreto, Martins (2012, p. 44) em seu artigo intitulado “*O Acontecimento do Ensino de Libras Diferenças e Resistências*”, chama atenção para o fato de a organização do currículo dos cursos de Letras/Libras em sua maioria, dá ênfase a disciplinas “básicas” como, por exemplo, “aspectos biológicos da surdez” “história da educação de surdos” e “ensino de português como segunda língua”. Dessa forma, criam-se ambiguidades na instrução desses profissionais que têm a dupla função de atuarem no ensino de Libras como primeira e segunda língua, sendo que para o ensino nessas duas modalidades seria necessário à proposição de matérias mais específicas. Além de seus Projetos Políticos Pedagógicos – PPP dispor de carga horária insuficiente para proposta de formação.

E nesse sentido, Martins (2012) ainda menciona que se por um lado a legislação ofertou demanda necessária de professores de Libras, por outro, o mesmo dispositivo tem legitimado modelos de formação que não contemplam o ensino bilíngue para surdos (MARTINS, 2012, p.45).

É importante dizer que a citada licenciatura é voltada especificamente para instrutores surdos e surdos fluentes em Libras, bem como para ouvintes com fluência que já tenham concluído o ensino médio. Sobre essa restrição de quem pode ou não concorrer a uma vaga nos cursos de Libras, Martins (2012) diz o seguinte:

[...] há [...] duas perguntas importantes a serem feitas no que se refere à organização da graduação de Letras/LIBRAS, se de fato a instituição de ensino teria condição de ensinar a Libras para o graduando ou se a fluência da mesma deveria ser pré-requisito para o acesso ao curso (MARTINS, 2012, p. 44).

Essas observações colocadas por Martins (2012), referentes a essa graduação podem ser refletidas, problematizadas em outros novos cursos presenciais como os da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Nesse sentido, as próximas discussões tecidas se restringirão apenas as três últimas instituições, por este escrito se tratar inicialmente de um trabalho monográfico. Além da última instituição que constitui o foco da pesquisa, as outras duas foram escolhidas por ofertarem o curso de Licenciatura em Letras/Libras em modalidade presencial, estarem na região Nordeste e, conseqüentemente, vivenciar experiências próximas, como possivelmente a falta de professores, já que os profissionais dessa área se concentram geralmente na região sudeste.

A Universidade Federal de Pernambuco – (UFPE) tem seu início em 11 de agosto de 1946, data também da criação da Universidade do Recife (UR), que foi instituída através da lei da Presidência da República nº 9.388 (BRASIL/1946).

Para ingressar nesta graduação o indivíduo deve dominar a Libras e a ter formação em nível médio ou curso que se assemelhe ao referido nível (PPC/Letras/UFPE, 2014, p. 2). Tendo em vista que se objetiva formar professores para atuarem no ensino da Libras para pessoas surdas e ouvintes dos níveis fundamental e médio (PPC/Letras/UFPE, 2014, p. 2).

No que se refere à disposição dos componentes específicos, são estes: Avaliação da aprendizagem, Didática, Metodologias do ensino de Libras I, II, III, e IV e Análise e produção de material didático em Libras. Quanto aos aspectos da instrução de prática pedagógica apresentam-se os seguintes componentes: Estágio Curricular Supervisionado Em Ensino de Libras I, II, III, VI. Observamos que a matriz curricular oferece ao estudante disciplinas específicas de Libras que irão ser desenvolvidas no momento do estágio (PPC/Letras/UFPE, 2014, p. 9).

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) pensou inicialmente na proposição do curso de Licenciatura em Letras/Libras, com intuito de diminuir a carência de professores capazes de lidar com as especificidades da educação inclusiva, no que tange os surdos no sentido de inseri-los nos ambientes sociais. Tal curso objetiva instruir profissionais capacitados para atuar na rede básica e na educação de jovens e adultos, no domínio da Libras como L1 e L2 (PPC/Letras/UFMA, 2014 p. 11). Observamos que esta universidade situada no Maranhão (UFMA), não tem como pré-requisito o domínio o domínio dessa língua, para que o estudante ingresse no curso Letras/Libras, de modo que a entrada dos discentes ocorre mediante colocação no processo específico que acontece anualmente

(PPC/Letras/UFMA, 2014 p. 12). Algumas das disciplinas específicas relacionados a Libras, que compõem a grade curricular deste curso são: Sociolinguística e Psicolinguística, Tópicos Especiais: do texto ao discurso, Aquisição de Segunda Língua, Linguística Aplicada ao Ensino de LIBRAS, Constituição dos Sinais em LIBRAS, Técnicas de Comunicabilidade em LIBRAS, Aspectos Linguísticos e Topográficos em LIBRAS, Morfologia, Semântica e Pragmática em LIBRAS, estágio curricular I, II, e III Quanto as disciplinas pedagógicas tem-se Psicologia da Educação de Surdos, Processos e Métodos na Alfabetização de Jovens e Adultos Surdos, Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação (PPC/Letras/UFMA, 2014 p. 12).

Essas foram algumas das características de dois cursos de graduação em Letras/Libras presenciais instalados na região nordeste como mencionado no início dessa seção. Em seguida, faz-se a caracterização do curso de Licenciatura: em Letras/Língua Portuguesa/Libras Língua Inglesa.

3.2 O CURSO LETRAS LIBRAS NA UFRB/CFP

De acordo com seu projeto de criação, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, instituição lócus da pesquisa, surge como oportunidade de os baianos terem acesso ao ensino superior, tendo em vista os poucos investimentos do Governo Federal em relação ao ensino universitário no interior da Bahia até o ano de 2000. A falta de investimento nessa região fazia com que as regiões baianas fossem um estado exportador de profissionais especializados, ação que restringia nossa capacidade socioeconômica e reduzia as chances de os jovens e adultos desenvolverem estudos universitários. Como mostra também o Projeto Político Pedagógico dessa instituição (UFRB/2003):

A criação da UFRB decorre da proposta do governo federal de expansão e interiorização do ensino superior (Programa Expandir), sendo a segunda Universidade Federal instalada na Bahia. Deste modo, a UFRB representa uma possibilidade de inclusão social e promoção do desenvolvimento do interior do Estado, sobretudo na região do Recôncavo da Bahia (PPC/ Letras/ UFRB, 2012, p. 2).

De início, a UFRB tem como núcleo a Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, localizada em Cruz das Almas. Nessa, além do curso de

agronomia são implantados os cursos de zootecnia e engenharia florestal. A Escola dispunha de grande extensão territorial, quatro grandes prédios, além de uma vila com 22 casas para professores, em bom estado de conservação, essas casas foram acrescentadas aos ambientes disponíveis para a ampliação das áreas da universidade. “Assim, a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia veio atender a demanda de uma região que se configurou com economia e cultura própria, extrapolando os limites da chamada Grande Salvador” (UFBA/2003).

A primeira manifestação favorável à criação de uma universidade no Recôncavo ocorreu durante reunião realizada pelo Senado da Câmara de Santo Amaro, em 14 de junho de 1822. Durante o século XX, a Bahia alimentou o sonho de instituir uma universidade federal a partir da experiência da Escola de Agronomia, localizada no Recôncavo. Um novo ciclo deste processo foi iniciado pelo Reitor da UFBA (2002-2010), Naomar Monteiro de Almeida Filho, que retomou a discussão em reunião com a bancada de deputados federais e senadores baianos, na data de 7 de outubro de 2002 (UFRB/ 2003, p. 1).

Atualmente, a UFRB mantém sua sede na cidade de Cruz das Almas - BA, e é constituída por mais sete centros de ensino. Neste município se encontra a sede do Centro de Ciências agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e do Centro de Ciências exatas e Tecnológicas (CETEC). Em Santo Antônio de Jesus, está localizado o Centro de Ciências da Saúde (CCS); na cidade de Cachoeira, está o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL); e os dois centros mais recentes são o Centro de Cultura e Tecnologia (CECULT) e Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), o primeiro localizado em Santo Amaro da Purificação e o segundo localizado em Feira de Santana. Por fim, em Amargosa, encontra-se o Centro de Formação de Professores (CFP), campo da pesquisa.

O Centro de Formação de Professores – CFP, que teve início em outubro de 2006, foi instalado em Amargosa por esta sediar a 29ª Diretoria Regional de Educação – DIREC 29 – e devido a sua posição geográfica, fronteira entre o Litoral e o Semiárido. As graduações ofertadas são realmente voltadas para ação de formar indivíduos para a docência. Trata-se dos cursos de licenciatura em: Matemática, Física, Educação Física, Educação do Campo, Química, Filosofia, Pedagogia e Letras/Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa. No que concerne a esse último curso de Licenciatura, será o enfoque desta pesquisa.

O curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa, foi escolhido para compor o Centro de Formação de Professores, por esse propor a formação de docentes para atuar no letramento de língua portuguesa, nos processos de aquisição e uso da Libras já que não se tinha um curso que contemplasse os surdos em toda a região do Jiquiriça e também pela falta de profissionais formados na área de língua Inglesa apesar desse componente fazer parte do currículo da escola básica. (PPC, 2012, p. 23). Esta graduação tem caráter de dupla habilitação. Os graduandos podem escolher entre Libras ou Língua Inglesa a partir do segundo semestre. O curso foi implantado de acordo com o seu projeto pedagógico, no segundo semestre do ano de 2010.

Além da atuação no campo dos Estudos Linguísticos e Literários em Língua Portuguesa, a habilitação em Libras ou Língua Estrangeira, se propõe a formação de indivíduos para a docência em Língua Portuguesa e, conforme sua escolha, para o ensino de Libras **ou** para o de Língua Inglesa (PPC, 2012, p. 9-10).

A matriz curricular desse último curso talvez não tenha as disciplinas específicas necessárias à formação do docente de Libras, por se tratar de um curso de dupla habilitação como mencionado acima. Os componentes específicos em Libras são: Libras Básica, Estudos da Libras I, II e III e Ensino e Aprendizagem de Libras. No que concerne a prática pedagógica, tem-se o Estágio Curricular Supervisionado em Libras e Estágio Curricular em Comunidade, neste último componente os estudantes tem a oportunidade de ir para a prática em ambientes não formais por meio de projetos e programas de extensão, assim há uma parceria entre a universidade e a comunidade. Essas ações objetivam integrar a pesquisa e o ensino à atividades de extensões visando o desenvolvimento social (PPC, 2012).

Diferentemente dos outros dois cursos presenciais anteriormente discutidos, da UFPE e da UFMA, esse último curso ofertado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, não deixa claro se há algum pré-requisito ou não para o ingresso dos discentes, desse modo inferimos que tal graduação é aberta a pessoas que apresentem algum grau de conhecimento acerca da Libras ou mesmo para aqueles que não a conhecem. Desse modo, como já citado, quando o curso não tem o domínio da Libras como pré-requisito, este tem que ser capaz de ensiná-la ao graduando ao longo da graduação (MARTINS, 2012, p. 44).

Como caracterizado acima, os cursos com a finalidade de formar docentes para a educação de surdos é algo novo e desafiador, devido a escassez de docentes nessa área do conhecimento, além da falta de pesquisas relacionadas a esta temática de um modo geral. Essas são algumas das problemáticas que envolvem a formação dos docentes em Libras discutidas por Albres (2012) como poderemos ver na próxima seção.

3.3 ALGUMAS ADVERSIDADES QUE ENVOLVEM A FORMAÇÃO DOCENTE DE LIBRAS A NÍVEL NACIONAL

Em seu texto intitulado *Saberes docentes: A Problemática da Formação de Professores de Língua de Sinais* presente no livro *Libras em estudo: Ensino-Aprendizagem* (2012), Neiva de Aquino Albres problematiza a instrução dos docentes para o ensino de Libras a fim de explicar as dificuldades que cercam essa formação em específico.

No que se refere às metodologias de ensino, a autora pontua que a falta de materiais didáticos para orientar os professores de Libras, tem feito com que eles busquem “fontes alternativas”, sendo a primeira delas a recordação das concepções de ensino de língua que tiveram no passado como estudantes.

Assim, conseqüentemente os professores se baseiam em experiências oralistas, além de elaborarem os seus saberes baseadas em práticas não fundamentadas, já que os professores também recorrem a outros “professores de Libras mais experientes”.

Em consonância com o que é posto por Albres (2012), Tavares e Carvalho, (s/d) consideram a necessidade de mudanças drásticas no que se refere à formação de professores. Tendo em vista que o caráter diverso da atual educação carece de professores atualizados com metodologias dinâmicas. Pois nas graduações tem-se dado ênfase ao conteúdo específico, sem o devido aprofundamento pedagógico que condiciona o professor a trabalhar com os mecanismos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, Gesser (2012), em seu livro denominado *O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a Libras* pontua que:

O professor deve estar atento e preparado para fazer conexões não idealizadas entre a teoria (princípios derivados da pesquisa, podendo ser inclusive a teorização dos inúmeros métodos de ensino e das teorias da aprendizagem) e a prática (escolhas que o professor faz na sala de aula). Caso contrário, continuaremos gravitando sem eixo [...] (GESSER, 2012, p. 23).

Dessa forma Albres (2012) salienta que, mesmo com a inaptidão dos professores para o ensino da Libras, acontece a implantação de vários cursos de Libras sem nenhuma cautela. A docente pontua que a sugestão de um curso superior para a instrução de professores de Libras, requer reflexão, sobre, por exemplo, se a intenção da instituição é capacitar o profissional para o ensino da referida língua como L1 ou L2.

Desse modo, a autora verifica em sua pesquisa que os cursos de formação de professores de Libras destinam maior parte de sua carga horária aos saberes científicos, quando estes deveriam oferecer aos futuros docentes, no mínimo condições reais para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem que se dão na prática.

A autora reforça que, mesmo com a criação do curso Letras/Libras no Brasil, não tem sido possível garantir a educação e integração dos surdos. Pois tal graduação, com turmas abertas na cidade de São Pulo nos anos de 2010 e 2012 capacitou apenas 65 surdos como docentes de Libras, os quais enfrentam ainda a carência de locais para formação continuada.

Ao tratar do assunto ensino de línguas e seus respectivos métodos na formação do docente de Libras, Albres (2012) observa que realmente o professor deve ensinar a língua levando em conta o seu uso, ou seja, propondo atividades com base em ações interativas, pois é de suma importância que o aprendiz desenvolva a capacidade de dizer e compreender o outro. Logo, os métodos práticos “do como dizer” e assim “fazer-se entender” pelo outro deve fazer parte de sua formação.

No entanto, Albres (2012) mostra que a atual compreensão dos professores no que tange o ensino da Libras é rasteira, pois não se tem estudos profundos sobre a maneira de transformar o “conhecimento científico” em “conhecimento didático”, tendo em vista que professores trabalham com a língua por meio de teorias que a consideram um elemento inerte, nas disciplinas teóricas como fonética, fonologia, morfologia etc.

A autora chama atenção para o fato de que, se o objetivo é formar falantes competentes no uso da Libras, não se deve oferecer aos graduandos um ensino com enfoque somente em aspectos formais da língua. Pois a palavra é considerada um signo social, que está a serviço da comunicação, ela só existe para essa finalidade.

Por fim, a autora menciona que não se trata de questionar se a base da formação do professor de línguas de sinais se dá pela proposição de aspectos técnicos ou teóricos, e sim de reconhecer que essa formação carece de maiores conhecimentos pedagógicos. Tendo em vista que as instituições federais detêm tanto o conhecimento “científico” como o “técnico” o que

falta por parte dessas instâncias é a articulação desses dois saberes. Consequentemente, é o desencontro entre teoria e as situações reais da sala de aula que tem causado a desqualificação da formação do professor de línguas de sinais.

4. METODOLOGIA

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa desenvolvida. De início, será pontuado o tipo de pesquisa e a localidade da mesma, em seguida serão caracterizados os sujeitos e os instrumentos utilizados na coleta dos dados e por último será explanada a natureza dos procedimentos de análises dos dados encontrados.

4.1 A PESQUISA

O trabalho configura-se num estudo de campo exploratório, tendo em vista que se objetivou “refletir sobre a formação inicial dos licenciandos em Letras/Língua portuguesa/Libras da UFRB/CFP: perspectivas docentes e discentes”. Temáticas que tratam sobre a docência nessa área em específico são escassas, dessa maneira, esse tipo de pesquisa possibilitará uma maior familiarização com assunto. Os estudos exploratórios constituem-se em investigações empíricas que objetivam a obtenção de questões com tripla finalidade, sendo uma delas o aumento da familiaridade do pesquisador com um fato ou fenômeno, no sentido de se realizar uma pesquisa mais detalhada posteriormente (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 171). Lakatos e Marconi (2010, p.172) caracterizam a técnica de pesquisa de campo como a que visa estudar os indivíduos, grupos ou comunidades.

Respeitando os processos éticos da pesquisa, ao coletar os dados foram preenchidos termos de consentimento, documento que deixa claro a aceitação do sujeito em participar da pesquisa mediante a não divulgação dos seus nomes através da utilização de nomes fictícios, além da explicitação, que os dados divulgados não terão fins lucrativos. Após a assinatura desses termos, uma cópia permaneceu com a pesquisadora e outra com os entrevistados. Tal documento consta na parte final deste trabalho como apêndice A.

4.2 O CAMPO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Professores – CFP, um dos sete centros que integra a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Este centro localiza-se no município de Amargosa – BA. Cidade que fica no vale do Jiquiriçá, acerca de 231 km da capital Salvador, a mesma é conhecida como Cidade Jardim pelas suas belezas

naturais e tem uma população de 37.807 mil habitantes contabilizados em 2015, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

O local onde hoje se encontra a cidade de Amargosa era povoada pelos Índios Sapuyás e Kariris, os quais viveram na região até os fins do século XIX. Depois de muitas batalhas parte dos índios foram derrotados e levados para Santa Cruz e depois para Cabrália. Em 21 de abril de 1877 foi criada a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa e em 19 de junho de 1981, a vila ganha status de cidade em 1981, ato que passou a ser efetivado em dois de julho de 1981.

Amargosa era uma região forte economicamente também pela agricultura e pecuária, pois na região se encontrava muitas fazendas de gado e fumo o que a fez conhecida na época como “a pequena São Paulo”. Com o desaparecimento da linha férrea e a queda na produção do café, Amargosa perde seu poder econômico para cidades como Jequié, Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana. O município volta a crescer economicamente como o investimento no turismo e pela popularização da festa de São João. Atualmente outro símbolo que marcou o desenvolvimento de Amargosa foi a chegada do Centro de Formação de Professores – CFP, que começou a funcionar no ano de 2006 (ANDRÉ, 2016) sendo que uma das motivações para a instalação desse centro foi o fato da cidade abrigar a 29ª Diretoria Regional de Educação – DIREC 29.

4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa teve a participação de seis sujeitos ao todo, foram quatro discentes e dois docentes do curso de Licenciatura em Letras/Libras da UFRB/CFP. Os discentes foram identificados como E1, E2, E3, e E4. O segundo sujeito formou-se recentemente e os demais cursam a graduação em semestres distintos. Ressalta-se que ainda não há muitos estudantes para formar e alguns dos que formaram recentemente não se encontram na cidade, então na escolha destes sujeitos priorizou-se os que estavam em semestres mais avançados ou mesmo alguns dos que tivessem formado recentemente. Nesse sentido, consideramos esse quantitativo de sujeito representativo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Os dois docentes fazem parte do quadro efetivo de professores do curso de Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa e foram identificados como D1 e D2. A escolha desses sujeitos representou a metade dos docentes de Libras deste curso.

A escolha dos sujeitos aconteceu dessa forma a fim de se fazer uma reflexão sobre os obstáculos e avanços que envolvem a formação do docente em Libras na UFRB/CFP, levando em conta os principais sujeitos envolvidos nesse processo formativo.

As perguntas direcionadas aos discentes visaram entender qual a concepção destes sobre a sua própria formação. As indagações destinadas aos docentes buscaram entender quais são os avanços e as dificuldades enfrentadas por esses profissionais no ensino dessa/nessa língua, além de sondar sobre como tem se desenvolvido o fazer pedagógico no ensino de Libras.

4.4 OS INSTRUMENTOS PARA COLETA E ANÁLISES DOS DADOS

O procedimento entrevista teve como instrumento para a coleta de dados o gravador e a entrevista estruturada ou roteiro de entrevistas. A utilização deste instrumental foi importante, pois possibilitou ao pesquisador fazer a coleta de informações de maneira mais precisa. Como mostra Barros (2010, p.81) “As entrevistas estruturadas são aquelas que trazem as questões previamente formuladas”.

Desse modo, esse instrumental foi pertinente, pois auxiliou na objetividade das perguntas. Novamente a respeito da entrevista como instrumento de coleta de dados para Lakatos e Marconi apud Lodi (1974:16), a característica de padronização da entrevista possibilita que o pesquisador obtenha dos entrevistados respostas às mesmas perguntas, o que permite que estas sejam comparadas e então analisadas por suas distintas respostas.

O roteiro foi composto por nove perguntas destinadas aos grupos dos discentes e sete para os docentes. Entre as questões, havia algumas em comum para ambos os grupos e também algumas que eram específicas para os tipos de entrevistados. Durante as entrevistas, as respostas dadas pelos sujeitos foram gravadas com auxílio de um gravador e posteriormente foram transcritas. Necessário assinalar que durante a transcrição utilizou-se reticências em parênteses quando houve hesitações na fala dos sujeitos da pesquisa, conforme pode ser verificado nos questionários que constam como apêndice B e apêndice C. Nos trechos das entrevistas que serão apresentados no capítulo de análise, usou-se o símbolo do colchete com reticências quando houve necessidade de fazer um corte nos relatos dos sujeitos.

Considerando que a pesquisa objetivou, de modo geral, refletir sobre quais os obstáculos e avanços envolvem a formação do docente em Libras da UFRB/CFP e sem

perder de vista que, de modo específico, a mesma objetivou identificar a percepção dos estudantes acerca do seu próprio processo formativo e verificar quais são as dificuldades e avanços no ensino de/em Libras mencionado pelos docentes vinculados a este curso, além da sondagem do fazer pedagógico, por meio das comparações dos relatos desses dois grupos de sujeitos, o desenvolvimento das análises e discussão dos resultados aconteceu da seguinte forma:

A princípio foram levantadas três temáticas. A primeira delas abarcou os relatos dos discentes. Desse modo, a primeira parte da análise desenvolveu-se por meio da comparação e discussão das perguntas dos quatro estudantes, E1, E2, E3, E4,

A segunda parte da análise desta pesquisa relacionou-se a segunda temática, na qual é apresentada a perspectiva dos docentes, a mesma também ocorreu pela comparação e discussão dos relatos dos sujeitos D1 e D2, os quais foram relacionados sempre que possível com o que os estudantes mencionaram.

De modo geral, o capítulo de análise se estruturou através da comparação dos quatro discentes, os quais foram relacionados com os relatos dos dois docentes vinculados ao curso, de modo que através da relação desses dois grupos maiores resultou na terceira fase da análise que se refere ao fazer “pedagógico no ensino de Libras”. Toda a descrição e análise dos dados ocorreram com base na abordagem qualitativa com interpretação dos dados de maneira discursiva (BARROS, 2010, p.88).

4.5 O PRÉ-TESTE

Depois da organização dos instrumentos de coletas, foi feito um pré-teste com dois voluntários a fim de observar se o instrumental utilizado e sua formulação garantiria veracidade à pesquisa, bem como se os resultados encontrados iriam ser viáveis para o desenvolvimento desta. Considerando essa fase como importante para aplicabilidade da metodologia, Marconi e Lakatos (2010) mencionam que “Nem sempre é possível prever todas as dificuldades e problemas decorrentes de uma pesquisa que envolva coletas de dado” (MARCONI, LAKATOS, 2010, p. 149).

Através da análise dos dados foi possível refletir como tem ocorrido a formação inicial dos licenciandos em Letras/Língua Portuguesa/ Libras da UFRB/CFP no âmbito de suas dificuldades e avanços, considerando os docentes e discentes vinculados ao curso como

os principais sujeitos envolvidos nesse processo, sem perder de vista tal instituição como primeira graduação presencial voltada para a educação de surdos no estado da Bahia.

5. A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM LIBRAS/LIBRAS NA UFRB/CFP: ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado anteriormente, este capítulo, dividido em três partes, é responsável por apresentar as análises e discussões dos resultados. Inicialmente, abordam-se as impressões dos estudantes acerca de sua própria formação, estes são identificados como E1, E2, E3 e E4. O segundo sujeito graduou-se recentemente, e os demais cursam semestres distintos. Em seguida, foi feita a discussão dos relatos dos docentes, no sentido de refletir sobre os entraves e avanços no ensino de/em Libras na UFRB/CFP, os quais foram identificados como D1 e D2. Por fim, a partir do que foi discutido pelos dois grupos de sujeitos, foram tecidas discussões sobre como se tem desenvolvido o fazer pedagógico no que se referem ao ensino dessa língua no CFP.

5.1 COMO OS DISCENTES CONCEBEM SUA PRÓPRIA FORMAÇÃO?

Ao analisarmos as entrevistas dos discentes vinculados ao curso, discutimos algumas posições que refletem a visão deles sobre sua própria formação. A princípio, a análise trata das percepções do currículo e do fazer pedagógico e, em seguida, desenvolve-se a discussão em torno da Libras. Por fim, é explanada a concepção destes sobre o ser professor de surdos e as competências necessárias para esta atuação.

- **No que concerne à oferta das disciplinas curriculares para a formação do docente em Libras na UFRB/CFP.**

O sujeito E2 relata que o curso atendeu apenas parcialmente as necessidades da formação, isso devido a falta de professores, tendo em vista que a primeira turma do curso tinha apenas uma docente de Libras para todo o centro de formação.

E2: “Em partes sim, mas digamos que em sua totalidade eu acredito que não porque (...) primeiro, o fato de nos sermos a primeira turma do curso de Letras/Libras nós tivemos um déficit bem grande no que diz respeito ao contato mesmo da língua de sinais, eu tinha apenas uma professora que ofertava a disciplina de Libras, que depois ela teve que se afastar tal, então eu acho que a gente perdeu um pouquinho aí, e aí hoje na oferta das disciplinas eu penso o seguinte, de novo falando, é a questão da teoria eu acho que é super importante casar à teoria e prática. A gente não pode estudar só a prática não, mas, eu acho que assim as disciplinas de Libras lá eu acho que falta um pouco mais (...) Não sei

(...) uma estratégia de ensino metodologia que visassem à utilização mesmo da sinalização mesmo nos espaços acadêmicos [...]"

O mesmo sujeito menciona ainda a falta de práticas que visem à conversação em relação aos conteúdos teóricos e que algumas disciplinas não dão conta de atender as demandas comunicativas. Para Pereira (1992), essa característica da dissociação entre teoria e prática tem origem no antigo modelo 3+1, que antes compunha as antigas licenciaturas e que, segundo o autor, ainda não foi superado. Esse modelo privilegiava o conhecimento técnico, nos três primeiros anos de estudos, em detrimento dos conhecimentos pedagógicos os quais eram ofertados apenas no último ano das formações.

Em contrapartida, se referindo a formação de docentes de Libras especificamente, Albres (2012) alerta para o fato desses cursos de formação destinar maior parte de seu tempo aos saberes científicos, em detrimento da exposição dos docentes às situações reais de prática para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. A autora salienta que em relação a essa formação, não se trata de questionar se a base da formação do professor de línguas de sinais se dá pela proposição de aspectos técnicos ou teóricos, e sim de reconhecer que essa formação carece de maiores conhecimentos pedagógicos. Levando em conta que as instituições federais detêm tanto o conhecimento “científico” como o “técnico” o que falta é a articulação desses saberes que por não acontecerem relacionados tem desqualificado a formação do docente de Língua de sinais.

Ainda sobre essa discussão, os outros três sujeitos consideraram que o curso não atende as necessidades da formação.

E1: “Não o curso não atende, o curso de Letras/Libras na UFRB não atende as necessidades da formação pra essa área, por que como eu disse (...) setenta por cento da aula é ministrada usando a oralidade através do português, essa aula é ministrada só 30 %, pelo menos eu estou agora no sexto semestre já cursei as disciplinas de Libras então, no meu modo de avaliação praticamente 30% dessas disciplinas a gente usou a Libras na sala de aula como meio de interação entre alunos e professores”.

E3: “Não, acredito que assim, faz com que a gente aprenda sim, mas não atende por que eu acredito que precisaria mais de (...) de (...) disciplinas, mais de (...) de (...) projetos de extensão mesmo para que consolidasse mais essa formação de professores de segunda Língua, como a Língua Brasileira de Sinais”.

E4: “Não, até porque como eu já havia falado a grade curricular do curso eu acho que é muito voltada pra literatura e língua portuguesa, sendo que o curso é Letras Libras, então a gente teria que sair daqui habilitado em Letras Libras.

Então a gente sai mais habilitado em Língua portuguesa e quem se interessar em literatura porque tem muita Literatura brasileira um dois e três, Literatura portuguesa Literatura Africana [...] a gente teve muito pouco nessa área e por isso a gente não sai tão fluente, a gente não sai com tudo que a gente poderia ter nesse curso de Libras, mas isso não que dizer que a gente não possa correr atrás, tudo depende do esforço e a gente correr atrás do prejuízo, o que não teve aqui a gente buscar fora daqui”.

Segundo E1 uma das motivações para a falta da fluência decorre do fato da maioria das disciplinas serem ministradas em língua portuguesa e não em Libras. E3 considera que as disciplinas de Libras auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem, mas menciona a necessidade de mais disciplinas e projetos de extensão na área de Libras, para que se tenha uma formação consolidada. E4 também enfatizou a oferta de poucas disciplinas em Libras, principalmente nos primeiros anos de graduação, mas enfatiza que as dificuldades não são um impedimento para que o estudante busque se desenvolver no sentido de suprir as possíveis lacunas da formação e de buscar se desenvolver como qualquer outro profissional.

Sobre a oferta de poucas disciplinas mencionada pelos sujeitos E3 e E4, convém lembrar que Martins (2012), constata que não há oferta de componentes específicos nos currículos dos cursos de Letras/Libras instituídos depois decreto federal 5626/05. A autora aponta que estes cursos ofertam disciplinas básicas como a histórias dos surdos, aspectos biológicos da surdez e deixam de oferecer disciplinas específicas.

Como mencionado no final do segundo capítulo deste trabalho, o curso de Letras/Libras da UFRB/CFP, alvo desta pesquisa, apresenta na sua matriz curricular as seguintes disciplinas obrigatórias: Libras básica, Estudo da Libras I, II e III, ensino e aprendizagem de Libras como LI e L2 e Estágio Curricular Supervisionado em Libras em L1 e L2. Quanto a isto, todos os sujeitos mencionam em suas falas a oferta de poucos componentes na área, assim, embora esses componentes tragam discussões específicas pode-se inferir que o ensino ainda é básico justamente pelo número reduzido de componentes.

- **Sobre o fazer pedagógico, no que concerne o ensino de Libras**

Notamos que o sujeito E1 menciona que a ação pedagógica é favorável para os ouvintes. É importante dizer que o estudo sobre a inserção do sujeito surdo no ensino superior é outra temática de grande relevância para entendermos as implicações dessa conquista. Nesse sentido, é válido ressaltar que as discussões desta pesquisa se restringem a formação do

sujeito ouvinte, por este ainda ser responsável pela mediação dos indivíduos surdos usuários de uma língua minoritária.

E1: "É favorável para os alunos ouvintes, mas ainda deixa a desejar porque a aula é setenta por cento na Língua Portuguesa, através da fala. E pra que o aluno se desenvolvesse, por exemplo, a não ser em Libras básico, mas na Libras dois em diante, eu gostaria teria assim, um desejo e acho que seria bem melhor se já fosse a partir de Libras dois e algumas outras disciplinas depois dessa, que a aula fosse ministrada em Libras e só voltar, a recorrer à Língua Portuguesa se o aluno não entendesse o conteúdo que o professor estava passando em Libras porque se o curso é de Letras e Libras porque a aula só é dada em português? [...]"

O mesmo sujeito considera que na maior parte do tempo as aulas tem se desenvolvido em língua portuguesa e nesse sentido sugere que a partir do componente de Libras II, o curso poderiam se desenvolver em Libras, de modo que a Língua portuguesa fosse utilizada nos momentos em que não houvesse entendimento do assunto abordado.

Conforme o primeiro sujeito:

E2: "A metodologia do professor de Língua Brasileira de Sinais no CFP (...) eu penso que assim (...) É uma metodologia que ajuda o aluno a ter contato com a Libras, ensina o aluno a sinalizar, mas eu acho que falta um pouco da questão da prática do próprio professor em sala de aula né? Tipo a professora X por exemplo, ela é surda e dá aula toda em Libras, então pra gente apesar de termos uma certa dificuldade em aprender algumas coisas ou de entender compreender o que ela esta sinalizando em alguns momentos, mas ela nos permite esta fazendo interferências durante a aula, perguntar um sinal ou outro isso facilita. Os outros professores eles falam muito em Libras, passam muita teoria, mas eu sinto que falta um pouco mais de utilizar a Libras a própria língua para explicá-la e eu acho que também assim, o ensino não dá conta de nos preparar para quando sair da universidade, a partir do momento que a gente egressa da universidade a gente sente necessidade de ter aprendido mais com os professores, talvez metodologia que vise o contato, conversação com surdo eu acho que falta um pouquinho.

E2 menciona que a metodologia utilizada no ensino de Libras auxilia no aprendizado, no entanto, afirma sentir falta da prática do professor no sentido de fazer uso da própria Libras para explicá-la, diz sair do curso com a necessidade de ter aprendido mais com os professores e ressalta que uma metodologia que visasse a conversação e o contato com o surdo ajudaria no processo de ensino.

O sujeito E3 considera que há metodologias diferentes e que tem professores que, de fato, fazem a adaptação do conteúdo, sem deixar de lado os aspectos técnicos, especifica também a falta do contato com a comunidade surda. E4 menciona as problemáticas enfrentadas como ingressante da primeira turma, pontua que o curso está se estruturando e aponta os grandes avanços ocorridos nesta graduação, como a entrada de discentes e docentes surdos no curso.

E3: “Eu vejo assim, para alguns professores que a gente não pode generalizar né? Mas para alguns professores eu vejo metodologias diferenciadas, eu vejo que há uma adaptação realmente do material pedagógico, mas aí eu já acrescentaria que precisaria mais a prática, trazer a teoria sim, mas também trazer mais efetivamente a prática e também da possibilidade a esses estudantes, principalmente que são ouvintes e estão recebendo a língua como segunda língua, ele ter esse contato com a outra comunidade, que é a comunidade surda e as vezes não tem esse intercambio, não tem esta extensão, as vezes isso ainda fica solto, então esse professor falta trazer essas coisas novas ainda para sua prática pedagógica que ainda não acontece .”

E4: “Falando desde o início do curso, no início tinha uma defasagem muito grande de professores, até porque só tinha a professora Y pra atender todas as demandas do curso e foi em função disso que nós ficamos sem as disciplinas de Libras. Nossa turma como foi à primeira acho que foi a que ficou mais prejudicada, mas ao longo do curso quando foi entrando outros professores, hoje mesmo já tem uma professora surda e acho que o curso hoje está tomando forma, apesar de nossa turma não ter aproveitado, ter usufruído desse momento. Quem entra hoje no curso tem outra perspectiva, não pode dizer que não vai aprender Libras, porque hoje o CFP tem uma estrutura, tem professores capacitados, tem professores que atendam a demanda do curso, hoje vai depender do aluno querer aprender se esforçar e buscar coisa que no nosso tempo a gente não teve porque era uma professora pro CFP todo [...]”.

Podemos inferir que os sujeitos E1 e E2 desenvolveram maior habilidade na língua, tendo em vista que são estes que propõem que as aulas sejam ministradas em Libras, enquanto que E3 e E4 explicitam como elemento central em seus relatos a necessidade do contato com a comunidade surda, como mecanismo auxiliador no aprendizado da Libras.

O último sujeito explicita vários avanços do curso, entre eles, a entrada de novos docentes, menciona que estes são capacitados e atendem a demanda do mesmo. No entanto, este mesmo sujeito afirmou anteriormente que o curso não contempla as necessidades da formação no que concernem as disciplinas. Sobre isso inferimos que o estudante, aparentemente parece se contradizer, mas a relação dessas duas colocações nos mostra que o curso possui de fato professores capacitados que têm dado conta da formação, o que faltam

são a oferta de mais disciplinas na área o que demandaria logicamente mais professores além dos que já atuam atualmente.

- **Ao questionarmos se os discentes do curso já conheciam a Libras antes de ingressarem na graduação.**

E1: “Eu comecei, ingressei no curso de Libras, no segundo semestre de 2013, ou seja, 2013.2, eu já conhecia a Libras no contexto educacional, como no curso de Pedagogia e também porque eu tinha um amigo intérprete em Feira de Santana, mas eu não conhecia nenhum surdo até então”.

E3: “[...] eu já tinha feito um curso de extensão com Y é, foi em 2010 na primeira turma do curso de Libras. Esse primeiro contato que eu tive foi anterior ao curso então eu não tive um contato, é tive um contato primeiro no curso. Quando eu fui para o curso aí sim que eu fui desenvolvendo algumas habilidades fui me aprofundando mais”.

O sujeito E1 relatou que já tinha o conhecimento da Libras no contexto educacional por já ter graduação em pedagogia e por ter um amigo intérprete, menciona que antes não conhecia nenhum surdo. O sujeito E3 afirmou ter entrado no curso sabendo da existência da Libras, por ter participado de um curso de extensão, proposto por uma das docentes do CFP.

Os sujeitos E2 e E4 declaram que não tinha a consciência da existência da Libras enquanto Língua, pois conheciam apenas o alfabeto Manual, E4 menciona ainda que nesse período pensou que o alfabeto manual sozinho constituía a língua dos surdos.

E2: “Quando eu ingressei na universidade eu não tinha conhecimento que existia a Língua Brasileira de Sinais, não tinha conhecimento da língua em si, sabia apenas o alfabeto manual, mas nem todas as letras do alfabeto”.

E4: “[...] eu conhecia só por ouvir falar. Tinha umas cartelinhas que a gente recebia na rua com o alfabeto manual em Libras, aí foi o que me despertei, eu achava curioso, achava interessante aquilo ali, porque até então para mim aquilo ali, a língua do surdo era o alfabeto manual por falta desse conhecimento, mas quando eu ingressei aqui eu vim mais por curiosidade e porque eu queria aprender mesmo essa língua [...]”.

Os relatos mostram que parte dos discentes não possuía consistente a existência da Libras quando adentraram na graduação. Esse fato demonstra a importância de projetos de extensões para além da oferta de uma formação contextualizada com as vivências dos futuros profissionais, quando também as atividades extensionistas ainda cumprem o papel de divulgação dessa língua minoritária como um sistema linguístico para a comunidade, sobretudo no interior da Bahia.

- **Ao perguntarmos aos discentes se são fluentes na Libras, e o que impediu ou possibilitou a fluência.**

Além da maioria dos estudantes ingressarem no curso de Letras/Libras sem saber de modo consciente da existência da Libras como um sistema linguístico, como mencionado anteriormente, observamos nos relatos seguintes que todos os sujeitos não se consideram fluentes na língua, pois não conseguiram aprendê-la ao longo da graduação.

E1: “Eu ainda não me considero fluente em Libras, porque para a pessoa ser fluente em Libras, não basta conhecer os sinais, mas também tem que conhecer as variações desses sinais, é conhecer como se cria metáfora em uma língua, tudo isso, saber as particularidades dessa língua que nesse caso é a Libras. Então eu ainda estou em processo de aprendizado”.

E2: “Hoje eu me considero, não digo, fluente em Libras, mas hoje eu consigo me comunicar na Língua Brasileira de sinais sem muitas dificuldades”.

E3: “Não, não sou fluente em Libras o que impediu foi (...) uma das coisas que eu posso destacar também é a falta do contato com a comunidade surda, isso pra mim é o principal porque pra você desenvolver uma fluência como segunda língua você tem que está inserido numa comunidade que faz uso dessa língua e eu sentir e sinto isso até então, atualmente eu sinto isso, essa ausência desse contato com a comunidade surda”.

E4 “Não, fluente eu não sou e também não houve um aprendizado satisfatório até porque uma das coisas que decepcionou um pouco no curso foi isso. Porque quando você entra no curso Letras Libras, você pensa que vai ter disciplinas voltadas mais pra Libras, pelo menos no curso, quando eu entrei em 2010 a realidade foi outra, nos tínhamos mais literatura e língua portuguesa, teve um tempo que nós ficamos até sem a disciplina de libras então isso prejudicou um pouco o aprendizado [...]”.

Essa situação de não aprendizado da língua está em consonância com Martins (2012), quando a mesma afirma que ao se propor um curso tem que se saber se o “domínio da

Língua” vai ser pré-requisito para a entrada do estudante, caso contrário à instituição deve se comprometer a ensiná-la.

A princípio podemos considerar apenas que o curso de Letras/Libras na UFRB/CFP difere totalmente do que aponta e recomenda a literatura na área, no entanto quando nos debruçamos sobre a realidade em que este encontra inserido, observamos que realmente a falta de restrição do domínio da Libras para o ingressante do referido curso, consiste um dos obstáculos para a formação de docentes capacitados, quando notamos que os graduandos não conseguiram adquirir a fluência nesta língua durante as etapas do curso.

Ao mesmo tempo, a falta da língua como pré-requisito tem seu lado positivo, tendo em vista que a Libras enquanto sistema linguístico provavelmente não é dominado ou do conhecimento de muitos nativos Amargosenses e de cidades vizinhas, e desse modo restringir a entrada de pessoas por não dominá-la poderia ser em alguma medida impedir grande parte dos indivíduos de adentrar no curso pela falta de fluência ou mesmo conhecimento linguístico desta.

- **Quando interrogado se os estudantes aprenderam a Libras ao longo do curso**

Apesar de afirmarem não saírem fluentes em Libras e de apresentarem diversas situações que dificultaram o aprendizado da mesma, parte dos estudantes afirmaram ter tido um aprendizado amplo da língua de sinais.

E1: “Eu me desenvolvi bastante ao longo do curso de Letras Libras na universidade na UFRB, mas não foi o principal os professores sim, passaram o conteúdo cobraram algumas apresentações, mas o que me fez é, o que fez eu me desenvolver mais na área de Libras foi o contato com um dos alunos da universidade surdo, que ai foi puxando me levando pra situações do dia a dia forçando eu interpretar o que eu estava dizendo ou o que as pessoas falavam pra ele. Assistindo vídeo na internet, muito vídeo e todo curso que tinha nas regiões das cidades circunvizinhas sobre a área de Libras ou em Salvador eu estava presente. Eu também me desenvolvi com a ajuda da professora Z que fazia depois de algumas apresentações, avaliação minha na sala de aula, ela fazia alguns questionário em vez de ser em português ela usava a Libras [...]”.

O sujeito E1 relata a importância do contato com um surdo e de estudos por meio de vídeos, além de afirmar ter se desenvolvido também através das avaliações de atividades feitas em Libras por uma das docentes do centro. O sujeito atribui o seu desenvolvimento ao

conjunto de todas as experiências que teve, dentro do curso e fora deste. Como nos aponta Tardif (2012) os conhecimentos dos professores estão intimamente ligados as suas experiências pessoais e profissionais estes estão ligadas com as suas vivências.

E2: “O curso me possibilitou ter um aprendizado mais amplo da Língua Brasileira de Sinais, mas também não deu conta de abarcar todas as minhas dificuldades, eu digo não abarcar, de sanar todas as dificuldades ao longo do curso”.

O segundo sujeito menciona que o curso possibilitou um aprendizado abrangente da Libras, mas o mesmo não abarcou todas as suas dificuldades.

E3: “Sim, consegui aprender, mas não contextualizada, ou seja, consegui aprender palavra por palavras, palavras soltas, ou seja, sinal um sinal ou outro, mas não algo assim que eu pudesse ter uma estrutura lexical, algo que pudesse assim (...), por exemplo, Se eu fosse sinalizar para um surdo para que ele pudesse ter uma compreensão daquilo que eu pudesse tá dizendo, me comunicando com esse surdo [...]”.

E4: “Eu não saí fluente, mas ao longo do curso eu obtive mais conhecimento da Libras não pra sair com fluência, a gente nunca pode dizer que saí totalmente sem nada não porque do meio do curso pra frente começou a entrar professores surdo, começou a ter mais professor de Libras a biblioteca também ofereceu mais livros na área, então como se diz a gente ficou com a defasagem por que no início a gente não teve por um bom período, tanto materiais, como professor, quanto surdos também pois não tinha na universidade tantos (...) hoje aqui a gente já tem mais surdos que a gente pode conviver e eu acho que um ponto muito forte que contribuiu pro não aprendizado da língua, de qualquer língua é você não ter o contato com essa comunidade o que falta aqui é você ter contato com a comunidade surda para desenvolver, por que parte teórica te dá um embasamento, te dá um conhecimento mas, o que vai te trazer esse aprendizado mesmo, essa pratica da língua é o dia a dia é o contato com o surdo com essa comunidade surda eu acho que isso é que faltou e isso é que a gente tem que correr atrás de buscar o surdo de conversar com eles de procurar uma comunidade surda, isso a universidade precisa colocar os alunos mais perto dos surdos trazer mais os surdos pra a universidade pra poder promover esse desenvolvimento do estudante enquanto aluno de Letras Libras.

O terceiro sujeito, E3, relata que aprendeu a língua de maneira descontextualizada, de modo que não tem fluência pra se relacionar com os surdos. E4 comentou que não saí fluente do curso, mas que adquiriu um conhecimento amplo da Língua de sinais discorre sobre as diversas melhorias no curso como a entrada de discentes surdos, de mais professores, ampliação do acervo na área, além de especificar a importância do contato com os surdos e

com o seu dia-a-dia para seu desenvolvimento enquanto profissional. Percebemos que os dois últimos sujeitos sentem a carência do contato com os surdos.

- **Ao perguntarmos sobre as maiores dificuldades no estudo da Libras**

Ao relatar suas dificuldades em relação ao estudo da Libras observamos que o sujeito E1 centra suas discussões em torno da conversação, quando enfatiza a preocupação de produzir sentenças mais distantes da língua portuguesa e mais próximas da Libras, o que o coloca no processo de interlíngua⁴.

E1: “A minha maior dificuldade é porque, como eu disse eu aprendi a usar os sinais e me comunicar um pouco na Libras com um dos alunos surdos da universidade, então a primeira língua dele acabou sendo o português, então ele usa um pouco do português na hora que vai sinalizar e eu como ouvinte acabo sendo é , tendo mais resíduo, (não não seria essa palavra) como que eu posso dizer (...) eu acabo me apegando mais ao português quando eu vou usar a Libras e ai sai verdadeiramente o português sinalizado [...]”.

Assim como o primeiro sujeito E2 e E4 mencionam a dificuldade em estabelecer a conversação em Libras pela falta de contato com os surdos.

E2: “Eu acho que a falta de contato constante com surdo, é o que hoje pra mim é difícil, a conversação em si com os surdos. Eles usam a língua de uma maneira muito mais natural do que eu, então essa é a minha dificuldade na Língua de Sinais é utilizar a língua de uma maneira mais natural eu ainda me acho um pouco artificial”.

E4: “A maior dificuldade que eu tenho é na parte de conversação mesmo, porque a gente tem a parte teórica, a gente aprende, a gente ler, a gente vai em muitas fontes a gente pesquisa na parte teórica a gente tem muito, tem muita coisa que eu aprendi na parte teórica, mas a prática mesmo ali o dia a dia a conversação com o surdo hoje mesmo eu acho que eu não tenho essa capacidade de chegar pro surdo e conversar com ele sem ter o interprete, isso pra mim é muito triste [...]”

⁴ Segundo Dechandt (2006, p. 292) é o processo de apropriação de uma segunda Língua L2, a qual se constitui em etapas que se desenvolvem ao longo do tempo. DECHANDT, Sônia B. A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS, Ronice M. [org]. Estudos Surdos I. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

O sujeito E3 menciona que são várias as dificuldades que envolvem o estudo da Língua, como a compreensão da literatura surda e considera ainda que o curso mescla disciplinas de diversas áreas por este ofertar dupla habilitação. Essa dupla habilidade aliada à carência de profissionais na área e a falta de contato com a comunidade surda tem gerado essa descaracterização da formação.

E3: “Há são várias, entender mesmo a própria literatura surda, o próprio referencial teórico. Eu acredito assim pra você (...). Eu mesmo que sou ouvinte que está tentando compreender a língua natural e aí eu faço esse recorte para a língua brasileira de sinais é muito difícil é muito complicado, você fazer essa diferenciação pra a língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, perceber qual é a diferenciação o que mudou o que não mudou é acerca dos parâmetros mesmo, acerca da estrutura linguística é muito difícil principalmente para quem é ouvinte. Outra dificuldade também que eu percebo é no curso ter língua portuguesa, literatura e Libras aí você começa a mesclar vários é (...) como é que eu posso dizer disciplinas várias outras coisas e foge um pouco do foco da Libras, ou seja, você vai ter duas habilitações, mas no que você quer se aprofundar as vezes você fica se perdendo um pouco [...]”

. É importante salientar que o contato com surdos é relevante no aprendizado da Libras e para o desenvolvimento da prática pedagógica dos futuros professores. No entanto, a falta desse contato não causa a impossibilidade de aprendizado da mesma Gesser (2012).

- **Com relação às ferramentas que os estudantes afirmam usar para além do que é cobrado pela universidade.**

Observamos que todos os estudantes recorrem à internet e, mais especificamente, ao Youtube como ferramenta principal para o estudo da Língua, por meio de vídeos. E1 relata que assiste vídeos de pessoas que já nasceram surdas, por estas utilizarem a língua “pura”. Entretanto, conforme Gesser (2012) a língua não se torna mais “pura” por ser usada pelos seus próprios nativos, cada usuário da língua desenvolve particularidades de usos. E2, além de assistir vídeos, pesquisa em sites da UFSC e busca o contato com os surdos.

E1: “Sim como eu disse eu gosto muito de ver vídeos de surdos que já nasceram surdos, por que eles vão “usar a língua pura””.

E2: “Sim, faço alguns estudos em casa, eu utilizo a internet, youtube abro também alguns sites de algumas universidades como, por exemplo, a UFSC que tem materiais bem ricos, então eu utilizo pra está aprendendo sinais novos variação e

tal e contato eu sempre tento me aproximar, conversar um pouco pra aprender um pouco mais com ele”.

E3: Sim, eu uso material visual, muito vídeos, baixo vídeos também na internet, e também além de ser sugestões já deles né? Eu consigo aprender mais assim, leio outros textos e converso com outros colegas que já tem um pouco mais (...) a fluência pra tentar aprender mais sobre a Língua Brasileira de Sinais.

E4: “Sim porque se a gente for depender do que é cobrado aqui, é muito pouco pra você aprender uma língua e desenvolver uma língua, eu acho que é muito pouco aí eu procuro ver vídeos tenho aplicativos também onde você pode aprender sinais, eu tenho procurado conversar nas redes de sociais, eu tenho um surdo, que a gente conversa, é um lugar que eu acho que a gente mais tem acesso, as redes sociais, as novas tecnologias é um meio que ajuda uma ferramenta que ajuda nesse aprendizado”.

O sujeito E3 além de pesquisar vídeos na internet, afirma procurar estudar por diversos sites e mantém conversa com colegas com maior fluência. Apesar de este sujeito mencionar que interage com colegas que possuem maior fluência, todos os entrevistados da pesquisa não se consideram fluentes de fato. E4 considera que o que é cobrado no curso é muito pouco para o aprendizado da língua e que assiste vídeos, faz uso de aplicativos e afirma que as novas tecnologias são mecanismos que auxiliam o aprendizado dessa língua.

- **No que tange às dificuldades que existem ou podem existir entre “ser professor” e “estudante surdo”.**

Todos os sujeitos consideraram a língua como fator principal nessa relação, os sujeitos E1 e E4 veem o domínio da libras como um mecanismo que facilitará a prática pedagógica e os sujeitos E2 e E3 mencionam como o domínio dessa língua como mecanismo necessário para o ensino de língua portuguesa como L2.

E1: “[...] como professora a dificuldade entre em eu ser professora e os alunos surdos é eu estar sempre me policiando pra não estar usando o português sinalizando e estar percebendo como estes surdos alguns que já tem a fluência na Libras como ele usa a língua de sinais, no caso aqui a Libras como ele usa para eu estar me aprimorando é buscando como eu disse anteriormente, estar sempre buscando cursos nessa área porque ser professor não é só você se capacitar você formar na área, por exemplo, pedagogia, pra ser professor de surdos você, seu aluno precisa de bem mais porque o aluno assim como todo outro ser humano não consegue esquecer a sua vida quando entra na sala ele acaba trazendo toda sua cultura todo seu costume familiar [...]” “[...] Mesmo que o conteúdo seja adaptado na aula naquele dia o aluno vem com uma necessidade de aprendizado diferente do que você planejou então o que você vai fazer? Você vai aproveitar o conhecimento prévio e o

que os alunos estão necessitando naquele momento, naquele dia aprender e ir adaptando para estar ensinando”.

E4: “O medo vai ser esse ter saído de um curso de Letras Libras e ai eu vou pra a escola vou ser professor minha sala vai ter um aluno surdo e eu não sei Libras o suficiente pra poder criar metodologias, criar meios pra incluir aquele aluno, não inserir somente ele na sala de aula, mas incluir o aluno. [...] pra mim vai ser essa a dificuldade o conhecimento da língua, a gente não sai daqui com essa bagagem pronta pra ser um professor, eu hoje não me acho habilitada pra ser um professor de um surdo. Eu posso até tentar, mas eu acho que eu vou ter que buscar muito ainda, pesquisar muito, aprender muito e isso só se aprende tendo contato com ele, descobrindo mesmo necessidades deles e buscando o melhor caminho pra poder contornar essa deficiência que até hoje ainda existe na educação do surdo”.

O sujeito E1 menciona mais uma vez o autocontrole para não produzir o “português sinalizado”, ou seja, para manter a estrutura da própria da Libras. E1 chama atenção para a importância do professor saber lidar com as situações inusitadas da sala de aula, no sentido de atender as demandas que o estudante apresentam para além do plano de aula que deve ser adaptado.

O sujeito E4 ao discorrer sobre a importância de saber a língua, considera que não se sente habilitado, pois, não domina o suficiente a Libras para incluir de fato o estudante surdo, declara estar ciente sobre o quanto vai ter que pesquisar estudar para adquirir a língua. Vale lembrar mais uma vez que outros saberes envolvem o ser professor e que estes estão ligados às suas vivências (TARDIF, 2012).

E2: “Eu acho o seguinte é uma relação desafiadora porque pela Língua de Sinais ainda ser uma língua nova, acho que nem todo mundo tá na fase de aquisição de língua de compreensão e aprendizado de língua. Então alguns surdos, por mais que eles sejam fluentes, tem surdos que no contato, eles acabam não sabendo se expressar tanto, eu digo isso por mim que eu já trabalho com surdos e eles não sabem língua de sinais, ai é uma questão de você passar a língua dele pra ele, você não utiliza você é usuário de outra língua, mas eu acho que também uma das dificuldades ai dessa relação [...]”.

E3: “A dificuldade maior?... é trabalhar a Língua Portuguesa, eu acredito que é uma das principais dificuldades porque eu observei até mesmo no estágio que nosso grupo não tem estrutura gramatical e não conhece a Língua Portuguesa. Outra dificuldade é a aquisição da Libras que muitos dos surdos que chegam na escola já aprendem a Libras tardiamente. Então essa aquisição tardiamente também é uma das dificuldades do ser professor que está se formando agora que vai receber esse aluno, esse sujeito na escola”.

Os sujeitos E2 e E3, veem essa relação como um desafio, ao perceber que na maioria das vezes os surdos ainda estão em fase de aquisição ou aprendizado da Libras. O sujeito E3 acrescentou que o ensino de Língua portuguesa se torna difícil pelo aprendizado tardio desta.

Nessa relação “ser professor” e “estudante surdo” há várias especificidades como o ensino de Libras como L1, e Língua Portuguesa como L2 para os surdos. Sobre essa questão Martins (2012) adverte que na proposição de um curso tem que haver a separação, ou seja, deve estar claro se o objetivo da instituição será em formar o indivíduo para atuar no ensino de Libras como L1 ou como L2.

- **Ao questionarmos sobre quais as competências são necessárias ao professor de surdos e se os discentes se consideram com tais competências**

Todos os sujeitos mencionaram a competência linguística da Libras como primeira habilidade necessária para a atuação como professores de surdos.

E1: “Quais competências (...) é primeiro ele tem que conseguir fluência na língua por que a maior dificuldade, como minha maior experiência é com crianças, então a maior dificuldade é a comunicação mesmo, com eles, não tem como você passar o conhecimento se você não se esforçar, se você não estudar e se você não conhecer a cultura dos surdos para estar adaptando aquele conteúdo de acordo a cultura dele e a necessidade dele. Então essa é essa dificuldade e a necessidade acaba sendo você ser fluente na língua (...) Eu tenho buscado essa competência”.

O sujeito E1 acrescenta a necessidade de o profissional estudar e buscar aprender a língua e a cultura surda⁵ no sentido de adaptar o conteúdo. Além do domínio da Libras, o sujeito E2 cita a necessidade de se dominar a língua portuguesa para que se possa ter um boa aquisição e vocabulário de outra língua, no caso a Libras. E3 atenta para a importância de se ter o conhecimento teórico e prático, juntamente com E2 que chama a atenção para a importância de se buscar ter contato com os surdos e sua cultura, para se comunicar de maneira mais natural.

⁵ Para Strobel (2009, p. 27) “Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais [...]. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

- E2: “Eu acho que o professor de Libras ele precisa ter o domínio da Língua Portuguesa pra que ele consiga ter um leque de vocabulário bom é um preparo também na sua Língua pra você poder pensar numa outra língua e o domínio da Língua de Sinais também né?, Buscar conhecer, buscar ter contato, pesquisar a questão como eu havia falado da variação linguística é não se engessar, tentar ter contato com a comunidade surda por que as vezes a gente usa a Libras de uma maneira muito mecanizada então eu acho que isso é uma competência também que precisa ter é a visão de que a gente precisa conhecer mais e buscar mais. [...]. Então eu estou buscando conhecer mais, então eu acredito que eu estou nessa construção, não tenho domínio total das competências, não tenho todas essas competências, mas estou buscando tê-las”.
- E3: “Ainda não eu ainda estou em processo, por que um profissional para ensinar a Língua Brasileira de Sinais com sujeitos surdos ele precisa ter conhecimento teórico e prático, então não adianta ele só saber as teorias, mas também não ter a fluência da Língua natural. Além disso, ele precisa conhecer o sujeito como um todo, como começou esse processo da aquisição desse surdo, de que forma eu posso trabalhar com esse surdo?”.

O sujeito E4 assim como os demais, fala da importância do conhecimento da Libras e da cultura do surdo, como competências necessárias para este profissional, em relação aos demais acrescenta que se faz necessário ter consciência de que o indivíduo surdo tem direito ao acesso a Libras como primeira língua e que esta ação muitas das vezes não acontece e que isso tem sérias implicações no desenvolvimento do ensino e aprendizagem desses indivíduos.

- E4: “Bem a competência, eu acho que já foi até falado anteriormente, são muitas, o conhecimento da língua mesmo em si, da Libras, um pouco do domínio também dela, você conhecer a cultura surda, conhecer as necessidades desse aluno, saber que ele tem o direito de ter a sua língua como primeira língua que é a Libras pra depois sim ele adquirir a língua portuguesa como segunda língua, isso a gente sabe que não acontece porque a maioria dos surdos adquire a língua portuguesa como primeira língua e isso interfere muito no aprendizado dele. [...]” no momento eu digo que eu não me considero um profissional assim, pronto pra o mercado de trabalho não, quero um dia poder ser, isso é meu maior sonho é poder um dia ensinar língua portuguesa para surdos, meu sonho é trabalhar com surdos e minha meta é sair da graduação e me especializar na área de Libras voltada para o ensino de língua portuguesa para surdos”.

Todos os indivíduos afirmam não ter todas as competências que julgam necessárias ao professor de surdos, mas relatam estarem buscando adquiri-las. Depois do conhecimento da competência linguística na Libras, a maioria dos discentes julgam necessários ter contato com o surdo e sua cultura. O indivíduo se torna professor em contato com os estudantes e na relação que há entre ambos, no qual a docência é inseparável da discência (Freire, 1996).

Nesse sentido, a língua é o fator importante nessa relação, no entanto não pode ser tomada como competência principal, pois há nessa relação outras competências pedagógicas, de modo que dominar uma língua não faz de um indivíduo professor.

Observamos que os discentes caracterizam a sua própria formação como ação que ainda se desenvolve com certo distanciamento da prática pedagógica e da usualidade da língua, no entanto os mesmos reconhecem a efetivação de ações pontuais em busca do desenvolvimento dessa formação. Os estudantes enxergam o seu processo formativo de modo ambíguo, quando expressam em seus relatos experiências relevantes, ao mesmo tempo em que expressam a necessidade de ter vivenciado outras experiências e adquirido conhecimentos.

Os discentes elegem o domínio da Libras como primeira competência para atuar como docentes de Libras, no entanto apesar de não terem desenvolvido a fluência na língua, veem a sua formação como mecanismo que lhes proporcionou um bom aprendizado da Língua Brasileira de Sinais. Esses indivíduos também têm ciência da recente estruturação dos cursos de Letras/Libras e em decorrência disso narram também os avanços e conquistas para além das muitas dificuldades como a escassez de docentes.

5.2 OS AVANÇOS E ENTRAVES QUE ENVOLVEM O ENSINO DE/EM LIBRAS NA VISÃO DOS DOCENTES

Ao analisar os relatos dos docentes faz-se uma discussão em torno da perspectiva desses sobre os avanços e entraves que envolvem o ensino de/em Libras. Essas discussões iniciam-se com as colocações sobre a formação destes profissionais, em seguida tem-se considerações ligadas ao ensino da Libras, o desenvolvimento de suas aulas, bem como do currículo e sobre a fluência dos estudantes.

- **Ao interrogarmos sobre a formação dos docentes que atuam no Curso de Letras/Libra da UFRB/CFP e sobre a contribuição desta para a prática enquanto profissional**

Observamos que D1 menciona ser graduada em Pedagogia e ter feito o exame ProLibras com o qual começou a ensinar na educação superior, além de ser especialista em

Educação Especial. D1 menciona ainda que as experiências que contribuíram para a sua prática docente se deram por meio do ensino em Libras como L1 e L2 para surdos, além da atuação como intérprete “em ambientes não formais”.

D1: “Primeiro, sou formada em Pedagogia, fiz especialização em Educação Especial e não tive de fato uma formação em Letras/Libras eu fiz a proficiência do MEC PROLIBRAS em 2007 e foi com essa proficiência que eu comecei ensinar Libras no ensino superior. O que mais contribuiu para minha prática docente no curso de Letras Libras foram às experiências que eu tive desde 2000 no ensino de Libras com surdos, seja em Libras como L1 e Língua portuguesa como L2 e também experiência enquanto interpretes em ambientes não formais, então eu acho que essas experiências que constituíram saberes para a minha prática docente”.

D2 menciona que é a graduada em Letras/Libras pela UFSC pólo UFBA especifica que as disciplinas e os estágios durante a graduação acrescida de outras vivências dentro da instituição contribuíram para sua experiência como docente.

D2: “Sou formada em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo UFBA. As experiências durante o período do curso somadas com as do estágio com crianças surdas, além de muitas outras experiências que vivenciei na universidade contribuíram para a minha prática docente”.

Tendo em vista que até o ano de 2006 não se tinha um curso voltado especificamente para a formação de professores e intérpretes de Libras, conforme discutido na seção 3.2 desta pesquisa, e considerando que neste mesmo ano foi criado pela UFSC o primeiro curso em Letras/Libras Ead com pólos em várias capitais brasileiras, observamos que a formação de ambos os profissionais se deram no âmbito das políticas responsáveis pela expansão da formação em Libras. Desse modo, provavelmente os cursos de Letras/Libras espalhados pelo país ainda estão realizando esse trabalho de expansão, sobretudo nos interiores como o caso do Curso Letras/Libras da UFRB, lócus desta pesquisa.

Justamente por essa graduação ser recente, é de grande relevância ter dentro do quadro de professores uma docente surda e outra com a formação em pedagogia, graduação que trabalha com as questões voltadas para a educação.

- **Quando questionados em relação ao tempo de ensino dos docentes na área de Libras na educação superior.**

Percebemos que os dois docentes possuem experiência na docência de Libras no ensino superior, tendo trabalhado na área já há alguns anos. Desse modo, em relação à falta de prática colocada pelos discentes, podemos inferir que o que provavelmente ainda acontece é a desarticulação dos “saberes teóricos” e “práticos”. Pois como já citado, as instituições formadoras desses profissionais possuem os dois saberes, mas não de modo relacionado Albres (2012).

D1: “Ensino a disciplina Libras desde 2007, por tanto há mais ou menos nove anos, mas estou na UFRB desde 2009, por que anteriormente ensinava em outras instituições de ensino superior, mas instituições privadas”.

D2: “Eu iniciei em maio de 2013 na UFBA como professora substituta e atuei lá até o mês de dezembro quando fui aprovada no concurso para docente efetivo da UFRB e estou até hoje lecionando a disciplina Libras”.

- **Ao indagarmos sobre as dificuldades enfrentadas pelos docentes no ensino de Libras.**

Verificamos que para D1, os fatores que dificultam o ensino deste idioma envolvem a oferta de poucas disciplinas, tendo em vista a escassez de professores para atender as demandas da formação, bem como a reformulação curricular que vem sendo estudada há quatro anos. Em consequência disso, outro obstáculo que envolve o ensino é a sobrecarga dos docentes que têm de ministrar várias disciplinas, o que impede que estes possam se aprofundar em suas linhas de pesquisas e de criar projetos que visassem a prática da Libras.

D1: “No que tange a Libras no curso de Letras Libras eu acho que assim, realmente a dificuldade maior é por que só tem quatro componentes mais metodologia e estágio pra formar um profissional na área de Libras. Então essa é uma dificuldade e como nós temos discutido há quatro anos um novo currículo, e por que ainda a gente de fato não Implementou? Por falta de professor é por que nós temos hoje, atualmente quatro professores e como a mudança de currículo nós vamos ter treze a quinze componentes fora as optativas e de fato a gente não tem professor pra atender essa demanda. Então a gente acaba ficando sobrecarregado, a caba não definindo nossa área de estudos, então de fato a gente tem que ensinar quirologia, morfologia, sintaxe, pragmática e às vezes a gente quer estudar de fato nossa área de pesquisa

aprofundar em uma área desses aspectos linguísticos da Libras e por falta de professor a gente não tem conseguido efetivar isso. [...] Outra questão também é a falta de estrutura física, de um laboratório às vezes faz falta ter um espaço mais acessível, a gente está fazendo isso agora de maneira ainda adaptada, a gente não tem muita filmadora, muito tripé para que a gente possa está proporcionando mais atividades com o desenvolvimento da língua em si e da prática da língua, da conversação, ou seja, das competências em sinalizar e traduzir, mas acho que a grande dificuldade que apresenta é essa mesmo, justamente o número reduzido de componentes curriculares pra formar o professor decorrente também da falta de docentes na universidade. [...]”.

Esse sujeito menciona ainda a falta de estrutura adequada no curso, como a falta de laboratório e a necessidade de número maior de filmadoras, no entanto, adverte que isso já é desenvolvido de modo adaptado. O mesmo sujeito chama atenção para a importância da característica de dupla habilitação, tendo em vista que o estudante tem a possibilidade de apreender as questões Linguística da Libras de modo relacionado a Língua portuguesa, ou seja, para D1 as questões linguísticas não são coisas totalmente novas para os discentes do curso de Letras/Libras da UFRB/CFP, já que eles têm o contato com os aspectos linguísticos de sua Língua, fator mencionado por E2 como umas competências necessárias ao professor de surdos, o domínio de sua língua para em seguida dominar a Língua dos surdos.

Pode-se dizer que essa dupla formação se apresenta tanto como uma vantagem como também torna-se um problema. Pois os alunos precisam dar conta de saberes de várias áreas ao mesmo tempo e acabam por não poderem dedicar-se a uma das áreas sem prejuízo para as outras, como mencionado pelo discente E4, quando se fez referência ao atual currículo.

D2: “Como docente encontro algumas dificuldades, uma delas é o curto período para ministrar a disciplina, visto que a ementa contém muitos conteúdos para uma carga horária de sessenta e oito horas por este motivo muitas vezes é necessário selecionar os principais conteúdos para evitar prejuízos. Outra dificuldade que encontro é a ausência de alguns discentes por estes se atrasarem por motivos climáticos ou por residirem em cidades distantes, além disso, existe a dificuldade de comunicação com os discentes, visto que os mesmos não tem fluência”.

Para D2, a dificuldade no ensino de Libras envolve a falta de tempo, pois as ementas exigem um trabalho profundo com questões teóricas e práticas. A docente especifica ainda que muitas vezes tem que fazer um recorte do que vai ser trabalhado. Para D2, o fato de os discentes chegarem atrasados, também é um fator complicador nesse sentido.

- **Quando perguntado aos docentes sobre os espaços de práticas em suas aulas**

Em relação aos espaços de prática nas aulas de Libras, D1 pontua que os momentos práticos acontecem a depender do componente que está sendo lecionado, pois tem componentes que exigem explanação de questões mais teóricas e outros que permitem o trabalho com mais atividades de conversação como estratégia de ensino. O mesmo sujeito especifica que divide as aulas em dois momentos: um para trabalhar com os saberes teóricos e outro para trabalhar os saberes práticos. D1 relata ainda que realiza atividades que priorizem a conversação, no entanto, quando se tem um grande número de discentes opta por realizar atividades que envolva a produção de vídeos, recurso mais utilizado também como ferramenta de livre escolha para os estudos de Libras.

D1: “Depende dos componentes que de fato que a gente acaba lecionando, há alguns componentes que não nos permitem dá uma carga horária maior para atividades mais de conversação e tradução, em outras nem tanto, outros não permitem por que requer uma construção teórica maior, então a gente sempre acaba fazendo a divisão, a gente pega a carga horária divide em x aulas práticas que são justamente de conversação e x aulas teóricas onde a gente trabalha questões mais aprofundadas da Língua Brasileira de Sinais.[...] Então há algumas disciplinas que a gente pede produção de vídeo pra o aluno ao invés de conversação em sala de aula, até quando a gente tem um número muito grande de alunos, quando eu tenho um número reduzido facilita, mas quando eu tenho um número grande de alunos dificulta uma conversação em sala de aula, mas a gente faz de fato”.

Em consonância com o primeiro sujeito, D2 menciona que trabalha com os saberes teóricos e prioriza também os saberes práticos mesmo diante das dificuldades, como pouco tempo para a execução de todas as atividades previstas e atraso de alguns discentes.

D2: “Em minhas aulas sempre trabalho com a teoria e a prática, porém o tempo é curto para dar conta de todos os conteúdos apresentados na ementa da disciplina de sessenta e oito horas. Apresento a teoria, mas priorizando sempre a prática da Libras mesmo diante da dificuldades encontradas com a carga horária. Devido a algumas situações os discentes faltam e perdem muitas aulas e por essas dificuldades é necessário ajustar o cronograma e consequentemente há um prejuízo na prática da Libras”.

- **Ao interrogarmos os docentes sobre a língua de instrução nas aulas e o motivo dessa escolha**

O primeiro sujeito menciona que quando trata de questões teóricas opta por usar a Língua portuguesa, uma vez que a maioria dos discentes ainda não adquiriu a Libras, deixando outra parte da aula para o aspecto prático que envolve o uso da Língua em si. D1 afirma também que tem dificuldade no trabalho justamente pelo fato de os discentes não terem um domínio razoável da língua mesmo nos anos finais da graduação.

D1: “Eu ministro, quando trabalho questões teóricas na língua portuguesa, justamente pela ausência de uma aquisição maior dos alunos, então as partes teóricas eu trabalho em língua portuguesa. Eu divido a aula quando eu vou trabalhar com essas práticas de conversação, aí a gente trabalha na língua de sinais, a gente tranca a boca, esquece e trabalha a língua de sinais, mas tem sido muito difícil porque os alunos chegam já no sexto semestre sem uma conversação de fato, razoável ou intermediária que possibilite apenas aulas em Libras. Muita gente acaba sempre utilizando a língua portuguesa. Eu sou ouvinte, eu prefiro trabalhar em língua portuguesa as questões teóricas, mas independente disso os alunos não teriam, não tem condições comunicativas de desenvolver uma discussão teórica da língua de sinais com termos muito específicos, por isso eu acabo também optando pela língua portuguesa”.

Do mesmo modo, D2, enquanto docente surda, ao mencionar o desejo de ministrar suas aulas em Libras, também relata sentir dificuldade no ensino, tendo em vista que os discentes não são fluentes na língua sendo necessária a presença de intérpretes. Quanto a isso, mesmo com a promoção desses espaços para a prática da língua os discentes E1 e E2, mencionaram ser interessante que os docentes usassem mais a próprias Libras para ensiná-la. Ressalta-se que esses dois sujeitos afirmaram em momentos distintos já trabalharem com estudantes surdos. Desse modo possivelmente eles já tenham maior habilidade que os outros dois sujeitos.

D2: “As aulas são ministradas em Língua de Sinais, porém devido a falta de fluência dos alunos é necessário a presença do intérprete, pois os alunos sabem o básico da Libras alguns só sabem o alfabeto manual e, portanto se torna inviável ministrar as aulas com conteúdos densos em Libras sem a presença do intérprete. No Sul, por exemplo, na UFSC, não há a necessidade de intérpretes durante as aulas, pois os discentes são fluentes em Libras. Mas a Libras é a língua de preferência para o ensino e assim como o inglês é necessário muito treino”.

Nesse sentido, é importante dizer que considerando que é de responsabilidade da universidade garantir que o estudante tenha o domínio da Libras, nos casos em que essa não é pré-requisito para a entrada do discente, conforme menciona Martins (2012), pode-se concluir que dominá-la e aprendê-la não pode ser atribuições somente dos discentes. Por outro lado, não é dever exclusivo dos professores garantir esse feito, visto que eles também enfrentam dificuldades variadas, como a falta de infraestrutura, entre outras problemáticas. Assim, faz-se necessário o esforço conjunto de professores e discentes como principais sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizado, além da participação da instituição como unidade formadora.

- **Ao questionarmos sobre a oferta das disciplinas de Libras e se estas atenderam as necessidades da formação**

Na perspectiva dos docentes de Letras/Libras da UFRB/CFP o currículo do curso não contempla todas as necessidades da formação, como mencionado pelos discentes. O sujeito D1 menciona que a matriz curricular não atende todas as especificidades da formação por esta ofertar somente quatro componentes curriculares na área de Libras em específico e atribui essa ocorrência a falta de docentes nessa área. Fator que mais tem dificultado o ensino de Libras como discutido anteriormente.

O mesmo sujeito reafirma a importância da característica de dupla habilitação do curso, tendo em vista que os estudantes entram em contato com os aspectos linguísticos da língua portuguesa e de estudos literários, fator que para D1 viabiliza o ensino da Libras como segunda língua, no sentido de que os estudantes tem a possibilidade de relembrar discussões que envolvem a fonologia, morfologia e sintaxe. Ressalta ainda que apesar de haver um número reduzido de componentes curriculares, os discentes têm a possibilidade de desenvolver trabalhos de pesquisas e extensões na área de Libras mesmo que não estejam vinculados diretamente aos componentes. Para D1, essa ocorrência se torna positiva, pois esses profissionais têm discutido questões relacionadas a Libras a partir do seu campo de estudos.

D1: “Não, o currículo que nós temos atualmente não contempla a formação do professor de Libras, não contempla a formação, nos temos quatro anos já mudando esse currículo, talvez não está o currículo ideal, mas, é um currículo que a gente do (NDE) Núcleo Docente Estruturante, agente tem priorizado justamente as deficiências do curso que é justamente a prática da Libras. Então no currículo novo o aluno vai ter um ano e meio só com componentes curriculares, que são três pra trabalhar a prática da Libras que é a questão da proficiência mesmo, da aquisição e outros componentes também que nós conseguimos agregar, outras leituras dentro desse currículo. Então a gente já vem discutindo isso há quatro anos, mas de fato não concluímos essa transformação do currículo, uma das questões foi à falta de professores. Quando a gente propõe um currículo novo e a gente não tem professor pra ofertar esse currículo novo, então isso dificulta bastante, mas a gente sabe das nossas deficiências. [...] O aluno ele não sai só com um diploma pra ensinar a Libras, mas ele sai com diploma pra ensinar também a Língua Portuguesa exceto o caso dos surdos em que podem fazer a opção de sair com diploma apenas para ensinar a Libras. Então uma das questões que eu pontuo que são muito importantes nessa formação, que contribui muito pra essa formação do professor de Libras é que eles acabam vendo muito aspectos linguísticos da Língua Portuguesa e Literários também. Então quando a gente vai trabalhar morfologia e sintaxe e outras questões eles já tem uma base teórica, então eles acabam aprendendo as questões da Libras como uma segunda Língua isso facilita muito o aprendizado, então muitas das questões que nós trabalhamos eles fazem uma revisão daquilo que eles viram. E uma questão importante também é por que nossos alunos (...) Embora a gente tenha poucas disciplinas de Libras eles acabam tendo experiências através de pesquisa e extensão, muito desenvolvimento de trabalhos científicos na Libras, podendo fazer essa transposição, essa articulação com algumas questões que eles veem em Libras, com isso a gente tem agregado outros docentes de outras áreas que tem também discutido mais algumas questões pontuais acerca da Libras dentro claro do seu campo de estudos, mas que tem se atentado também para uma perspectiva de poder compreender aquele fenômeno, não só em Língua Portuguesa mas como também dentro da Libras.[...] Então nossos alunos eles têm uma gama de oportunidades em pesquisa e extensão de poder refletir sobre a Libras embora não seja dentro dos componentes curriculares de Libras. Então isso também é positivo, contribui para essa formação”.

Conforme o primeiro docente, D2 menciona a oferta de poucas disciplinas e a carência de docentes na área de Libras, para a efetivação da mudança curricular como ação necessária. Com base nos relatos de D1 e D2, a escassez de docentes nessa área é notória pela quantidade insuficiente de docentes para atender todo o referido centro, e pela própria recorrência de concursos em que não se tem candidatos aprovados.

D2: “O currículo apresenta poucas disciplinas de Libras e a carga horária é pequena, por esse motivo estamos reformulando o currículo do curso Letras Libras para que haja de dez a treze componentes da disciplina Libras. Atualmente existem quatro docentes da disciplina, mas estamos caminhando em direção à construção do PPC. O currículo é bom, mas ainda não é o adequado”.

É válido ressaltar que como mencionado nos dois relatos supracitados, o curso passa por reformulação curricular, no sentido de atender melhor as demandas específicas desta formação, tal ação configura-se num grande avanço, tendo em vista a realidade do curso, no que se refere à escassez de profissionais especificamente na Bahia, como mencionado pelos próprios professores. É nesse sentido que Gatti (2010) considera que apenas os professores e sua formação não devem ser os responsáveis pela caracterização negativa das licenciaturas, tendo em vista que a reestruturação curricular envolvem fatores nacionais, regionais e locais, bem como as formas em que a escola básica se organiza além das condições salariais e trabalhistas dos professores. Sem deixar de considerar esses fatores externos, a autora chama atenção para a formação inicial dos professores, a qual para ela envolve as instituições formadoras e suas composições curriculares.

- **Ao questionarmos se os discentes do curso saem fluentes**

O primeiro sujeito respondeu que a maiorias dos discentes do curso não sai fluente na Libras, e que, provavelmente, com a reformulação do currículos os estudantes cheguem ao final da graduação sem essa competência, mesmo com o fato da matriz curricular estar sendo organizada com base nas dificuldades de fluência. Com relação aos discentes, D1 afirma que para o efetivo aprendizado da língua brasileira de sinais aconteça, o discente enquanto aprendiz tem que vivenciar a cultura surda e sua língua por meio do contato cotidiano. Em consonância com o que foi mencionado pelos discentes, afirma a necessidade de mais projeto de extensão na área de modo que ainda não há uma comunidade organizada para que os graduandos se envolvam e tenham o contato com a língua e com a cultura surda ao longo de sua formação.

D1 menciona ainda que os discentes não saem fluentes em Libras com exceção dos que, para além da universidade, se envolvem em atividades relacionadas à área, como alguns discentes que já atuam como intérpretes ou docentes no município de Amargosa-BA e nas

idades circunvizinhas, além de buscarem outras formações na área. Sobre isso é válido ressaltar que embora não seja indicado que o aprendizado da língua se desenvolva em serviço, pelo fato os estudantes estarem em condição de aprendizes, como mencionando por Martins (2012), se faz necessário reconhecer que os estudantes surdos estão sendo assistidos por uma real e crescente demanda que vai além dos dispositivos legais, quanto a isto observamos que a UFRB/CFP, enquanto instituição advinda do programa de interiorização do ensino superior, apesar das barreiras enfrentadas, tem cumprido o seu papel, no sentido de atender as demandas regionais no que tange a educação de surdo.

D1: “Não, como já foi posto eles não conseguem uma fluência e talvez no currículo novo apesar de o currículo ser construído com base nessas dificuldades de fluência mesmo, nós priorizamos isso, talvez muitos alunos chegue ao oitavo semestre sem a fluência na Libras, porque a fluência da Libras (...) porque para adquirir a fluência na Libras a pessoa tem que está em imersão na cultura, uma emersão com os usuários da língua e eu acho que os alunos tem dificuldade nesse processo. Então a gente vai precisar de muita atividade de extensão, envolvimento em outras questões e a gente não tem uma comunidade de surdos fortificada, ativa, para que esses alunos possam se envolver. Então eles acabam não tendo a fluência com exceção daqueles que realmente se engajam com esses surdos ou com trabalhos voltados pra esses surdos, que procuram pesquisas que procuram extensões, por exemplo, nos temos um grupo de alunos que participam do projeto de formação de tradutores no IFBA ali, em Santo Antônio. Então esses alunos estão traduzindo e interpretando, outros alunos que não fizeram extensão, mas começaram com a tradução também e também desenvolveram experiência com ensino, seja com ensino ou com a tradução na escola básica contribuiu muito pra proficiência dos alunos, embora não foi efetivo da universidade, mas através do curso Letras Libras, através de experiências que eles tiveram, seja na classe bilíngue, seja no atendimento educacional especializado, na sala de recursos ou nas salas inclusivas, salas regulares inclusivas onde eles atuaram como interpretes de alunos surdos inclusos. Então essas experiências têm contribuído sim, muito, não só em Amargosa, mas nas cidades circunvizinhas, nós temos alunos em Mutuípe atuando, em Brejões e em Elísio Medrado. Então essas experiências que eles adquiriram durante a formação são de fato, eu acho, que alicerce pra sua futura prática e principalmente aquisição da Língua de sinais de forma a ter uma fluência, é realmente está em contato com os surdos”.

O segundo sujeito comenta que os discentes saem do curso com um nível muito básico da Libras, pois estes privilegiam a comunicação em Língua portuguesa. Menciona que somente alguns conseguem se desenvolver e adquirir fluência, além de especificar que a maiorias dos discentes não a procuram mesmo sabendo de sua disponibilidade para orientações e quando o fazem é sempre com o apoio do intérprete. Embora ambos os docentes considerem que alguns estudantes saem fluentes na língua, todos os sujeitos discentes

afirmaram não se considerarem fluentes na mesma. Talvez isso ocorra, pois na região os discentes não tem contato com muitos surdos que já tenham o desenvolvimento da Libras, e alguns dos discentes tenham essa sensação de não estarem adquirindo a fluência na mesma.

D2: “A maioria dos discentes conclui o curso com um conhecimento muito básico da língua de sinais por utilizarem muito a língua portuguesa e praticarem pouco a Libras. Mas existem outros que conseguem se desenvolver e adquirir a fluência. Poucos são os que me procuram para auxiliá-los mesmo cientes de que estou disponível para atendimento no meu gabinete, pois ficam com receio e sempre pedem o apoio do intérprete para intermediar a comunicação”.

Na perspectiva dos docentes vinculados ao curso de Letras/Libras da UFRB/CFP, um dos maiores fatores que tem dificultado o ensino de Libras é a falta de professores com esta formação específica, sobretudo na Bahia. De modo que há uma sobrecarga dos profissionais atuantes, em consequência disto os mesmos tem dificuldades de se aprofundarem em suas linhas de pesquisas e de desenvolverem atividades extencionistas, as quais proporcionariam a prática que os discentes necessitam e desejam.

Conforme os dois docentes a falta de fluência dos estudantes também representa uma barreira para o desenvolvimento de um ensino pautado no uso da língua, o que por sua vez faz com que esses tenham dificuldades de aprendê-la. Desse modo, assim como pontuado por ambos os docentes vinculados ao curso, acreditamos que a reformulação curricular é o grande passo que a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia inicia para a proposição de um ensino de/em Libras mais significativo.

5.3 – COMO SE CONTITUI O FAZER PEDOGÓGICO NO ENSINO DESSA LÍNGUA?

Como resultado do que nos foi relatado pelos dois grupos de sujeitos, fizemos uma reflexão sobre o fazer pedagógico como o conjunto de métodos e técnicas aplicados a educação, no que concerne ao ensino da Libras.

Docentes e discentes mencionam que não há um número suficiente de professores de Libras, de modo que ainda não se oferta projeto de extensão nessa área. No entanto “o constituir-se professor” acontece mediante o contato com a dinâmica da sala de aula e junto a vivências com estudantes nesses ambientes, pois somente nessas condições é que se tem o

desenvolvimento da prática pedagógica de maneira espontânea a qual não é reproduzida nas salas das licenciaturas (SILVA, 2009).

Ainda em relação ao ensino da Libras, observamos uma descontinuidade nos relatos destes dois grupos de sujeitos. Os docentes mencionam reservar um tempo em suas aulas para o desenvolvimento dos saberes teórico e práticos da Libras, ao passo que os discentes demonstram sentir falta de uma metodologia que vise com maior ênfase o uso da mesma.

Há um desencontro também quando se considerou a implicação da língua de instrução usada durante as aulas de Libras, pois os docentes mencionam que privilegiam a língua portuguesa por conta da maioria dos discentes não desenvolverem fluência na língua, enquanto que partes dos discentes consideram que um das motivações para o não aprendizado da mesma, foi justamente o fato de tais aulas não se desenvolverem em Libras.

Essas descontinuidades, não aparecem somente como colocações contraditórias, são antes de tudo posicionamentos que se complementam, pois a ausência de um fator acarreta o outro e vice-versa, ou seja, o domínio ou não da língua de sinais pela maioria dos discentes é determinante no ensino desta. Desse modo, garantir o domínio desse idioma e também capacitá-los para a docência é ainda uma ação desbravadora, inovadora tendo em vista que após o trabalho de certificação da UFSC, as demais instituições brasileiras que ofertam este curso, como no caso da UFRB/CFP, não tem mais o papel de central de certificar, mas sim o de apresentar a língua, sua gramática ao estudante.

Esses posicionamentos, com relação ao ensino da Libras, nos remetem novamente ao fato de que o curso de Letras/Libras da UFRB/CFP é de dupla habilitação e, em decorrência disso, apresenta outra proposta de formação, onde o aluno egresso do curso tem a possibilidade de atuar como docente na área de Língua portuguesa e de Libras.

A partir dos dados, pode-se dizer que essa característica tem apresentado aspectos positivos, pois os aprendizes aprendem questões científicas sobre sua língua materna, mas também confere implicações pedagógicas que desfavorecem a formação, já que os estudantes tem que dominar os saberes de diversas áreas como Língua portuguesa, Libras e Estudos literários. Mesmo com tais desvantagens pensamos que esse caráter de formação seja o que melhor se aplica ao atual contexto em que o curso se encontra inserido, pois a divisão do curso para uma formação única teria outras tantas demandas como infraestrutura e maior número de professores.

Outro instrumento que rege parte do fazer pedagógico é o currículo. Todos os sujeitos da pesquisa concordam que esse não contempla todas as necessidades da formação, pela

carência de disciplinas específicas e por essas, na maioria das vezes, possibilitarem pouco vínculo com a prática pedagógica.

Ainda em relação ao currículo, é recorrente na fala dos docentes o cuidado e o empenho no trato da mudança curricular no sentido de que o mesmo atenda da melhor maneira os anseios e necessidades da formação do professor de Libras na UFRB/CFP. Conforme Albres (2016, p. 115) a relação pedagógica é dialógica de modo que é o currículo se faz e se refaz, se delinea a partir do “fazer em sala de aula”, onde a certeza é que não há um currículo pronto, pois cada um atende suas necessidades específicas e se relacionam a fatores e históricos e políticos.

Os estudantes demonstram o desejo de participarem de outras formações por perceberem que, de fato, o curso não atendeu todas as necessidades formativas, mas estes cultivam esse desejo também por entenderem a complexidade que envolverá suas ações como professores de uma língua minoritária.

Desse modo, há uma preocupação por parte dos discentes e dos docentes sobre como tem se desenvolvido o ensino de Libras no que tange as estratégias metodologias e a língua de instrução desse processo. Para os envolvidos neste, o fazer pedagógico referente ao ensino de Libras para a formação docente apresenta várias dificuldades, as quais que têm sido paulatinamente superadas e são notáveis os avanços que vêm ocorrendo.

6. CONCLUSÕES

Quando um curso se propõe a formar profissionais numa língua não majoritária, por tanto, uma língua de não prestígio social, está fazendo um movimento de resistência. Quando se propõe formar professores de Libras, surdos e oferece um espaço de trocas em que a diferença surda esteja presente [...] está presente outro ponto de resistência (MARTINS, 2012, p.50).

A intenção desta pesquisa foi mostrar como tem se desenvolvido a formação do docente em Libras na UFRB/CFP, curso que se localiza no recôncavo baiano. Após a análise e discussão dos dados, notou-se que os maiores obstáculos que envolvem a formação para a docência em Libras neste curso diz respeito à sua matriz curricular. Os sujeitos concordam que a falta da fluência também se caracteriza como um empecilho para o desenvolvimento das atividades em sala de aula. Apesar dessas barreiras serem mencionadas por parte dos envolvidos no processo formativo, são considerados que os avanços alcançados são significativos

Verificamos que os discentes percebem a sua formação como algo que está ainda em processo de construção, no sentido de que há muitas coisas a melhorar, pois reconhecem que o curso não atendeu todas as demandas da formação pela disponibilidade de poucas disciplinas na área de Libras e o desenvolvimento de metodologias que não privilegiam o uso da língua. Ao mesmo tempo, reconhecem o real desenvolvimento do curso ao relatarem a inserção de novos professores e ampliação do acervo bibliotecário, além da entrada dos primeiros estudantes surdos.

No que se refere ao ensino de/em libras tem-se como problemática central também a escassez de profissionais na área, a qual conseqüentemente tem impossibilitado a oferta de uma proposta curricular que atende melhor a formação. São novamente os maiores empecilhos mencionados pelos docentes vinculados a este curso, a falta de fluência da maioria dos discentes, além de não conseguirem aprofundar suas linhas de pesquisa. Na visão dos docentes, o caráter de dupla habilitação é uma característica positiva desse ensino, pois os discentes estudam aspectos linguísticos de sua própria língua em paralelo ao conhecimento da segunda língua aspectos da Língua portuguesa.

Percebemos que a associação de todos esses fatores tem, de fato, comprometido a formação do docente em Libras na UFRB/CFP, pois sem um número considerável de

professores não há como ofertar um currículo que realmente atenda as necessidades específicas da formação, além dos estudantes não adquirirem a fluência na língua.

Os resultados mostram que a maioria dos estudantes não sai fluente na língua, no entanto pensamos que não seria o caso de ter como pré-requisito o conhecimento desta ou de sua fluência, já que os resultados também mostraram que parte dos estudantes entraram na graduação sem o conhecimento da existência da Libras enquanto Língua, além de esta ação não contribuir para a sua divulgação.

Talvez, no futuro, a proposição de um curso de extensão que tenha como instrutores os próprio discentes deste curso, pode funcionar como um paliativo para as problemáticas encontradas no percurso desta formação, tendo em vista que o mesmo proporcionaria ao futuro professor o uso da língua dentro de sua formação inicial, além de levar o conhecimento da Língua aos futuros ingressantes e a comunidade de modo geral.

Diante disso e de tudo que foi mencionado, observamos que o currículo é um fator que atravessa toda a discussão sobre a formação do docente em Libras na UFRB/CFP, pois este está presente na concepção que os estudantes têm em relação ao seu processo formativo, insere-se nas dificuldades do ensino da/em Libras e se reflete no fazer pedagógico, como observamos mediante comparação desses dois grupos de sujeitos.

Desse modo, acreditamos que o curso, junto ao Núcleo Docente Estruturante – NDE está mesmo no caminho importante e coerente com as problemáticas e peculiaridades que o cercam, quando este tem priorizado em suas discussões a reforma curricular do mesmo, pois pensamos ser essa uma das maiores formas de resistências dessa formação.

Contudo, nota-se que as mesmas dificuldades que envolvem a formação do docente em Libras na UFRB/CFP são também suas reais motivações para existir e persistir na luta pela formação de docentes dessa língua minoritária, sobretudo, por este curso, na qualidade de primeira graduação presencial em Letras/Libras na Bahia, ser o responsável por promover as primeiras práticas de educação inclusiva de surdos amargosenses e das cidades circunvizinhas. Nesse sentido vale ressaltar que de acordo com a Resolução do Conselho Acadêmico (CONAC) nº 040/2013, entre as ações que devem ser garantidas pela instituição UFRB, para atender o estudante com deficiência, está o pessoal docente e técnico capacitado, no caso dos surdos, tal capacitação deve ocorrer em Libras. Desse modo nota-se a importância de cursos básicos a toda a comunidade acadêmica.

Esperamos que os resultados da reflexão em torno dessa temática contribuam para a prática docente e discente ou que sirva de base para outras pesquisas, pois como mencionado anteriormente, os estudos em torno da docência em Libras são ainda escassos. Nesse sentido,

esse percurso investigativo está só no começo, ainda há muito por fazer, pesquisas relevantes poderiam se dar em torno da expansão desses estudos para outros cursos de Letras/ Libras, ou mesmo se fazer a comparação dessas graduações em sua modalidade presencial e a distancia.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **Saberes docentes: A Problemática da Formação de Professores de Língua de Sinais. In: Libras em estudo: Ensino-aprendizagem.** São Paulo: FENEIS, 2012.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática do professor.** - 1 ed. – Curitiba: Appris, 2016.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de Pesquisa: Propostas metodológicas.** 19. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases de educação nacional [recurso eletrônico]. – 7. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. <<http://www.ufjf.br/acessibilidade/files/2009/08/Lei-n%C2%BA10436.pdf>> Acesso em 14 de jan. 2016.

_____. Decreto-lei n.3.726, de dezembro de 1996. Regulamenta a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3276.htm> Acesso em 28 de jan, 2016.

_____. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e da outras providencias. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 28 de jan de 2016.

_____, Decreto-lei n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lein.10.436, de abril de 2002, que dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 15 de Jan. 2016.

_____. Decreto-lei n. 9.388, de 20 de junho de 1946, cria a universidade do Recife e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9388-20-junho-1946-417645-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 03 de abril. 2016.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. **Uma retrospectiva da formação de professores: histórias e questionamentos.** Disponível: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_1/uma_retrosp ec_form_prof.pdf> Acesso em 26 de jan. 2016.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Reformas nas Licenciaturas: A necessidade de uma mudança de paradigma mais do que de mudança curricular. Em Aberto, Brasília, ano 12, n.54, abr./jun. 1992. Acesso em 27 de jan, 2016.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante / Tanya A. Felipe.** 8ª. edição- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 1996. 49 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 204.

GALVÃO, André. Disponível em: < <https://www.ufrb.edu.br/cfp/amargosa-cidade-jardim> > Acesso em: 17 de jul, de 2016

GATTI, Bernadete A. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em <Erro! A referência de hiperlink não é válida.> Acesso em 12 de fev, 2016.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda-** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Do Patológico ao Cultural na Surdez: para além de um e de outro ou para uma Reflexão Crítica dos Paradigmas.** In: **Estudos Surdos IV.** 2008 Araras – Petrópolis RJ.

_____. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras** – São Paulo: Parábola, Editorial, 2012.

IBGE, Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=290100> > Acesso em: 20 de jun, de 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

NOTÍCIAS DA UFSC. Disponível: <<http://noticias.ufsc.br/2009/06/livro-ressalta-a-formacao-e-o-papel-do-professor-surdo-e-do-tradutor-interprete-na-lingua-brasileira-de-sinais/>> Acesso em 15 de Jan. 2016.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **O acontecimento do ensino de Libras – Diferenças e resistências.** In: **Libras em estudo: Ensino-aprendizagem.** São Paulo: FENEIS, 2012.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente.** Disponível: http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/17015_Cached.pdf Acesso em: 28 de jan. 2016.

QUADROS, Ronice Muller de. In: **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã.** – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice Muller de ____ [et. a l]. **Exame Prolibras** – Florianópolis, 2009.

CERNY, Roseli Zen; VILHALVA, Shirley. **A gestão pedagógica nos cursos de Letras Libras.** In: **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã.** – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SANTOS, Emmanuelle Felix dos. O ensino de Libras na formação do professor: um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana, 2015.

SILVA, Marilda da. **Complexidade da Formação de professores: saberes teóricos e práticos**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2009.

SOMOS A FENEIS. Disponível em: <<http://feneis.org.br/sobre/>> Acesso em: 26 de mar, de 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Tavares, Ilda Maria Santos; Carvalho, Tereza Simone Santos de. **Inclusão Escolar e a Formação de Professores para o Ensino de Libras (língua brasileira de sinais): do texto oficial ao contexto**. Disponível em: [http://dmd2.webfactional.com/media/anais/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-O-ENSINO-DE-LIBRAS-\(LINGUA-](http://dmd2.webfactional.com/media/anais/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-O-ENSINO-DE-LIBRAS-(LINGUA-) > Acesso em: 26 de jan de 2016.

UFRB – Subsídios para a criação e implantação a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia. UFBA, Salvador - BA, setembro, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE. Centro de Artes e Comunicação - CAC. Projeto político Pedagógico do curso de Letras- Libras, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB. Centro de Formação de Professores - CFP. Projeto político Pedagógico do curso de Licenciatura em: Letra/Língua portuguesa/Libras/Língua Inglesa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA. Centro de Ciências Humanas – CCH. Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Licenciatura em Língua Brasileira de Sinais, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB.
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

TÍTULO DA PESQUISA: _____

Prezado participante, eu _____(estudante), convido-o (a) senhor (a) a participar, voluntariamente, da pesquisa intitulada “_____”. Ela objetiva_____. Para participar dessa pesquisa o (a) senhor (a) responderá uma entrevista com x questões. Suas respostas serão gravadas e depois transcritas para análise dos dados. Após a entrevista você poderá ler e retirar e/ou acrescentar quaisquer informações. A entrevista será realizada no dia, horário que o (a) senhor (a) desejar, tendo tempo máximo para responder até _____. O (a) senhor (a) pode desistir de participar da pesquisa em qualquer fase deste estudo, mesmo após ter sido iniciado. Os dados colhidos serão arquivados durante cinco anos sob a guarda da pesquisadora responsável por este estudo. Após este prazo, todos os registros serão destruídos. Caso o (a) senhor (a) perceba a necessidade de maiores esclarecimentos durante ou após a pesquisa, deverá procurar a pesquisadora responsável para obter informações através do celular: _____. Entendemos que os dados fornecidos pelo (a) senhor (a) são confidenciais e será mantido em sigilo para garantir a sua privacidade. Esclarecemos que os resultados dessa pesquisa serão utilizados para elaboração de monografia e poderão ser divulgados em eventos científicos. Após ter sido informado sobre o estudo e concorde em participar de forma voluntária da pesquisa “_____”, o (a) convidamos a assinar esse termo de consentimento, sendo que assim ficará de posse da pesquisadora e em posse do (a) senhor (a). Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Amargosa, _____ de _____ de 2016
Entrevistado (a): _____

**APÊNDICE B – ENTREVISTAS DOS DISCENTES
ENTREVISTA AOS DICENTES DA LICENCIATURA EM: LETRAS/LIBRAS –
UFRB/CFP**

E1 - ESTUDANTE 1

1 Quando Ingressou na Licenciatura em Letras/Libras/Língua Inglesa você já conhecia a língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

Eu comecei, ingressei no curso de Libras, no segundo semestre de 2013, ou seja, 2013.2, eu já conhecia a libras no contexto educacional, como no curso de Pedagogia e também porque eu tinha um amigo intérprete em Feira de Santana, mas eu não conhecia nenhum surdo até então.

2 Você é fluente em Libras? O que impediu ou possibilitou essa fluência?

Eu ainda não me considero fluente em Libras, porque para a pessoa ser fluente em Libras, não basta conhecer os sinais, mas também tem que conhecer as variações desses sinais, é conhecer como se cria metáfora em uma língua, tudo isso, saber as particularidades dessa língua que nesse caso é a Libras. Então eu ainda estou em processo de aprendizado.

3 Caso a resposta da segunda pergunta seja negativa (você não é fluente em Libras), você conseguiu aprendê-la ao longo do curso? Justifique.

Eu me desenvolvi bastante ao longo do curso de Letras Libras na universidade na UFRB, mas não foi o principal os professores sim, passaram o conteúdo cobraram algumas apresentações, mas o que me fez é, o que fez eu me desenvolver mais na área de Libras foi o contato com um dos alunos da universidade surdo, que aí foi puxando me levando pra situações do dia a dia forçando eu interpretar o que eu estava dizendo ou o que as pessoas falavam pra ele. Assistindo vídeo na internet, muito vídeo e todo curso que tinha nas regiões das cidades circunvizinhas sobre a área de Libras ou em Salvador eu estava presente. Eu também me desenvolvi com a ajuda da professora Z que fazia depois de algumas apresentações, avaliação minha na sala de aula, ela fazia alguns questionário em vez de ser em português ela usava a Libras pra corrigir a forma da avaliação que eu tinha apresentado. Isso fez com que eu me desenvolvesse bastante.

4 No que se refere ao ensino da Libras como você percebe o fazer pedagógico dos docentes no Centro de Formação de Professores?

É favorável para os alunos ouvintes, mas ainda deixa a desejar porque a aula é setenta por cento na Língua Portuguesa através da fala. E pra que o aluno se desenvolvesse, por exemplo, a não ser em Libras básico, mas na Libras dois em diante, eu gostaria teria assim, um desejo e acho que seria bem melhor se já fosse a partir de Libras dois e algumas outras disciplinas depois dessa, que a aula fosse ministrada em Libras e só voltar, a recorrer à Língua Portuguesa se o aluno não entendesse o conteúdo que o professor estava passando em Libras porque se o curso é de Letras e Libras porque a aula só é dada em português? Então seria muito importante ter mais disciplinas em Libras no curso de Letras Libras e também as aulas, depois das duas primeiras disciplinas de Libras as próximas ser a aula ministrada em Libras.

5 Qual é a sua maior dificuldade no estudo da Língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

A minha maior dificuldade é porque, como disse eu (...) aprendi a usar os sinais e me comunicar um pouco na Libras com um dos alunos surdos da universidade, então a primeira língua dele acabou sendo o português, então ele usa um pouco do português na hora que vai sinalizar e eu como ouvinte acabo sendo é, tendo mais resíduo, (não não seria essa palavra) como que eu posso dizer eu acabo me apegando mais ao português quando eu vou usar a

Libras e ai sai verdadeiramente o português sinalizado. Então, pra suprir esta necessidade e essa carência minha, eu acabo seguindo algumas regras que eu aprendi nos vídeos postados por W, também com ele eu fiz o curso de escrita de sinais com ele e a esposa em Ipiaú, então, nas redes sociais ele dá algumas dicas para as pessoas deixarem de usar o português sinalizado e como memorizar os sinais na Libras.

6 Você costuma utilizar alguma ferramenta para o estudo nessa área, além do que é cobrado pela Universidade?

Sim como eu disse eu gosto muito de ver vídeos de surdos que já nasceram surdos, por que eles vão “usar a língua pura”.

7 Em sua opinião, no que se refere à oferta das disciplinas de Libras, o curso atendeu as necessidades da formação? Justifique.

Não o curso não atende o curso de Letras/Libras na UFRB não atende as necessidades da formação para essa área, por que como eu disse (...) setenta por cento da aula é ministrada usando a oralidade através do português, essa aula é ministrada só 30%, pelo menos estou agora no sexto semestre já cursei as disciplinas de Libras então, eu no meu modo de avaliação praticamente 30% dessas disciplinas a gente usou a Libras na sala de aula como meio de interação entre alunos e professores.

8 Em sua opinião quais as principais dificuldades que pode existir ou existe na relação “ser professor” e “Estudante surdos”?

Eu posso falar um pouco da minha experiência como aluna, é ver o meu colega tá assistindo aulas que não são adaptadas pra ele mesmo já estando num ambiente universitário, ainda tem alguns professores que tem dificuldades de adaptar a aula e acaba sobrando para o intérprete adaptar aquilo ali é, por exemplo, metáforas no português, a área da literatura mesmo é os surdos reclamam mais, porque não são tão adaptadas as aulas e como professora a dificuldade entre em eu ser professora e os alunos surdos é eu estar sempre me policiando pra não estar usando o português sinalizando e estar percebendo como alguns surdos que já tem a fluência na Libras, como ele usa para eu estar me aprimorando é buscando como eu disse anteriormente, estar sempre buscando cursos nessa área porque ser professor não é só você se capacitar você formar na área, por exemplo, pedagogia, pra ser professor de surdos você, seu aluno precisa de bem mais porque o aluno assim como todo outro ser humano não consegue esquecer a sua vida quando entra na sala ele acaba trazendo toda sua cultura todo seu costume familiar pra sala de aula igual os outros seres humanos mas, por exemplo, as crianças ela trazem tudo, você percebe assim quando ele chega se ele está bem naquele dia ou não então ser professor hoje não é só você chegar na sala de aula também não é só você adaptar o conteúdo para aquele dia porque, mesmo que o conteúdo seja adaptado na aula naquele dia o aluno vem com uma necessidade de aprendizado diferente do que você planejou então o que você vai fazer? Você vai aproveitar o conhecimento prévio e o que os alunos estão necessitando naquele momento, naquele dia aprender e ir adaptando para estar ensinando.

9 Em sua opinião quais as competências são necessárias ao professor de surdos? Você se considera um profissional com essas competências?

Quais competências (...) é primeiro ele tem que conseguir fluência na língua por que a maior dificuldade, como minha maior experiência é com crianças, então a maior dificuldade é a comunicação mesmo, com eles, não tem como você passar o conhecimento se você não se esforçar, se você não estudar e se você não conhecer a cultura dos surdos para estar adaptando aquele conteúdo de acordo a cultura dele e a necessidade dele. Então essa é essa dificuldade e

a necessidade acaba sendo você ser fluente na língua. (Qual foi à última pergunta? Você se considera um profissional com essas competências?) Eu tenho buscado essa competência.

E2 - ESTUDANTE 2

1 Quando Ingressou na Licenciatura em Letras/Libras/Língua Inglesa você já conhecia a língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

Quando eu ingressei na universidade eu não tinha conhecimento que existia a Língua Brasileira de Sinais, não tinha conhecimento da língua em si, sabia apenas o alfabeto manual, mas nem todas as letras do alfabeto.

2 Você é fluente em Libras? O que impediu ou possibilitou essa fluência?

Hoje eu me considero, não digo, fluente em Libras, mas hoje eu consigo me comunicar na Língua Brasileira de sinais sem muitas dificuldades.

3 Caso a resposta da segunda pergunta seja negativa (você não é fluente em Libras), você conseguiu aprendê-la ao longo do curso? Justifique.

O curso me possibilitou ter um aprendizado mais amplo da Língua Brasileira de Sinais, mas também não deu conta de abarcar todas as minhas dificuldades, de sanar todas as dificuldades ao longo do curso.

4 No que se refere ao ensino da Libras como você percebe o fazer pedagógico dos docentes no Centro de Formação de Professores?

A metodologia do professor de Língua Brasileira de Sinais no CFP (...). Eu penso que assim (...). É uma metodologia que ajuda o aluno a ter contato com a Libras, ensina o aluno a sinalizar, mas eu acho que falta um pouco da questão da prática do próprio professor em sala de aula né? Tipo a professora Fabíola, por exemplo, ela é surda e dá aula toda em Libras, então pra gente apesar de termos uma certa dificuldade em aprender algumas coisas ou de entender compreender o que ela esta sinalizando em alguns momentos, mas ela nos permite está fazendo interferências durante a aula, perguntar um sinal ou outro isso facilita. Os outros professores eles falam muito em Libras, passam muita teoria, mas eu sinto que falta um pouco mais de utilizar a Libras a própria língua para explicá-la e eu acho que também assim, o ensino não dá conta de nos preparar para quando sair da universidade, a partir do momento que a gente egressa da universidade a gente sente necessidade de ter aprendido mais com os professores, talvez metodologia que vise o contato, conversação com surdo eu acho que falta um pouquinho.

5 Qual é a sua maior dificuldade no estudo da Língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

Eu acho que a falta de contato constante com surdo, é o que hoje pra mim é difícil, a conversação em si com os surdos. Eles usam a língua de uma maneira muito mais natural do que eu, então essa é a minha dificuldade na Língua de Sinais é utilizar a língua de uma maneira mais natural eu ainda me acho um pouco artificial.

6 Você costuma utilizar alguma ferramenta para o estudo nessa área, além do que é cobrado pela Universidade?

Sim, faço alguns estudos em casa, eu utilizo a internet, youtube abro também alguns sites de algumas universidades como, por exemplo, a UFSC que tem materiais bem ricos, então eu utilizo pra está aprendendo sinais novos variação e contato, eu sempre tento me aproximar, conversar um pouco pra aprender um pouco mais com eles.

7 Em sua opinião, no que se refere à oferta das disciplinas de Libras, o curso atendeu as necessidades da formação? Justifique.

Em partes sim, mas digamos que em sua totalidade eu acredito que não porque (...) primeiro, o fato de nos sermos da primeira turma do curso de Letras/Libras nós tivemos um déficit bem grande no que diz respeito, ao contato mesmo da língua de sinais, eu tinha apenas uma professora que ofertava a disciplina de Libras, que depois ela teve que se afastar tal, então eu acho que a gente perdeu um pouquinho aí, e aí hoje na oferta das disciplinas eu penso o seguinte, de novo falando, é a questão da teoria eu acho que é superimportante casar à teoria e prática. A gente não pode estudar só a prática não, mas, eu acho que assim as disciplinas de Libras lá eu acho que falta um pouco mais (...) Não sei (...) uma estratégia de ensino metodologia que visassem à utilização mesmo da sinalização nos espaços acadêmicos. Talvez criar possibilidade de estágio em vários outros lugares de não só estagiar como a gente hoje, hoje a gente tem a possibilidade de estagiar com surdos, mas o número de surdos em Amargosa é pequeno então talvez estagiar em outros espaços que tivessem mais surdos pra gente ter contato com o surdo e aprender junto com ele e tal. Então eu acho que na oferta das disciplinas mesmo, tem disciplinas que não abarcam e não dão conta de, não dão conta de atender todas as demandas comunicativas.

8 Em sua opinião quais as principais dificuldades que pode existir ou existe na relação “ser professor” e “Estudante surdos”?

Eu acho que o grande problema aí, é no ser professor, no contato entre o professor e o aluno surdo é justamente a falta de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, o professor, nem todos os professores sabem Libras e os professores que sabem Libras, por exemplo, professores de matemática, de ciências, geografia geralmente ele teve uma disciplina de Libras que não dá conta de atender a necessidade comunicativa dele quando sair dali daquele espaço acadêmico, ele pode aprender o alfabeto manual, os numerais, alguns verbos, aprender como utilizar um pouquinho a língua, mas quando ele vai para a realidade dele em sala de aula é... não tem muitos cursos de Libras, talvez uma formação continuada, curso de extensão que ele possa fazer e tal e muitas vezes eu sinto também que é falta do interesse em buscar conhecer a Língua Brasileira de Sinais, pra atender a necessidade do aluno e eu acho que outro problema grande é o medo de ter contato com o aluno surdo, o aluno muitas vezes por saber que o professor não sabe Libras ele não se aproxima e o professor por saber que não consegue se comunicar com o surdo ele também não se aproxima do aluno.

Eu acho o seguinte é uma relação desafiadora porque pela língua de Sinais ainda ser uma língua nova, acho que todo mundo tá na fase de aquisição de língua de compreensão e aprendizado de língua. Então alguns surdos, por mais que eles sejam fluentes, tem surdos que no contato, eles acabam não sabendo se expressar tanto, eu digo isso por mim que eu já trabalho com surdos e eles não sabem língua de sinais, aí é uma questão de você passar a língua dele pra ele, você não utiliza você é usuário de outra língua, mas eu acho que também uma das dificuldades aí dessa relação, é uma coisa que eu fico meio preocupada é na questão da variação linguística, a variação linguística por a Libras como qualquer outra Língua ser uma língua viva tem vários sinais que são diferentes e acaba você não tendo o domínio total da língua, né? (...). A gente nunca vai ter domínio total nenhuma, mas a Língua de sinais, eu sinto que é muito complicada isso você não tem um domínio e também os surdos ainda estão buscando conquistar alguns espaços então às vezes você vai ensinar pra um aluno surdo Libras, mas talvez o espaço, a escola a sala de aula em si não está preparada pra aquilo, então isso interfere também em seu trabalho, outra questão adequar a metodologia pra você poder ensinar a Libras pra os surdos, você saber como ser um profissional que usa a Língua Portuguesa, você tem que pensar numa metodologia voltada extremamente para a Libras.

9 Em sua opinião quais as competências são necessárias ao professor de surdos? Você se considera um profissional com essas competências?

Eu acho que o professor de Libras ele precisa ter o domínio da Língua Portuguesa pra que ele consiga ter um leque de vocabulário bom é um preparo também na sua Língua pra você poder pensar numa outra língua e o domínio da Língua de Sinais também né?, Buscar conhecer, buscar ter contato, pesquisar a questão como eu havia falado da variação linguística é não se engessar, tentar ter contato com a comunidade surda por que as vezes a gente usa a Libras de uma maneira muito mecanizada então eu acho que isso é uma competência também que precisa ter é a visão de que a gente precisa conhecer mais e buscar mais. De certo modo sim, porque por ser egressa de um curso Letras Libras eu me acho, eu me acho em construção digamos assim, tanto na Língua Portuguesa, a gente nunca vai saber tudo, mas por ter um conhecimento um pouquinho mais aprofundado da Língua portuguesa e por buscar conhecer cada dia mais a Libras porque como hoje eu sai da UFRB, me formei lá mais busco fazer outros cursos pra justamente da conta das lacunas que eu sentir na minha formação acadêmica. Então eu estou buscando conhecer mais, então eu acredito que eu estou nessa construção, não tenho domínio total das competências, não tenho todas essas competências mas estou buscando tê-las.

E3 - ESTUDANTE 3

1 Quando Ingressou na Licenciatura em Letras/Libras/Língua Inglesa você já conhecia a língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

Eu comecei ter o primeiro contato foi em 2009, quando ingressei no curso de Letras eu já tinha um conhecimento prévio, eu já tinha feito um curso de extensão com X é, foi em 2010 na primeira turma do curso de Libras. Esse primeiro contato que eu tive foi anterior ao curso então eu não tive um contato, é tive um contato primeiro no curso. Quando eu fui para o curso ai sim que eu fui desenvolvendo algumas habilidades fui me aprofundando mais.

2 Você é fluente em Libras? O que impediu ou possibilitou essa fluência?

Não, não sou fluente em Libras o que impediu foi é... as lacunas da... eu acredito que teve muita lacuna no curso de Libras principalmente as questões burocrática falta de professor, constantes greves eu mesmo já tenho seis anos, vai fazer com 5 greves, né? Isso tudo vai dificultando o aprendizado né? O desenvolvimento de você tá realmente conhecendo uma nova língua, isso impossibilitou de não ter mais fluência uma das coisas que eu posso destacar também é a falta do contato com a comunidade surda, isso pra mim é o principal porque pra você desenvolver uma fluência como segunda língua você tem que está inserido numa comunidade que faz uso dessa língua e eu sentir e sinto isso até então, atualmente eu sinto isso, essa ausência desse contato com a comunidade surda.

3 Caso a resposta da segunda pergunta seja negativa (você não é fluente em Libras), você conseguiu aprendê-la ao longo do curso? Justifique.

Sim, consegui aprender, mas não contextualizada, ou seja, consegui aprender palavra por palavras, palavras soltas, ou seja, sinal um sinal ou outro, mas não algo assim que eu pudesse ter uma estrutura lexical, algo que pudesse assim (...), por exemplo, Se eu fosse sinalizar para um surdo para que ele pudesse ter uma compreensão daquilo que eu pudesse tá dizendo, me comunicando com esse surdo. Então foi importante?(...) foi eu aprendi? (...) aprendi, porque quando a gente começa a fazer um curso, a gente aprende alguma coisa sim, mas ter aquela fluência da comunicação mesmo de fato para que o surdo venha compreender eu acredito que não.

4 No que se refere ao ensino da Libras como você percebe o fazer pedagógico dos docentes no Centro de Formação de Professores?

Eu vejo assim, para alguns professores que a gente não pode generalizar né? Mas para alguns professores eu vejo metodologias diferenciadas, eu vejo que há uma adaptação realmente do material pedagógico, mas ai eu já acrescentaria que precisaria mais a prática, trazer a teoria sim, mas também trazer mais efetivamente a pratica e também da possibilidade a esses estudantes, principalmente que são ouvintes e estão recebendo a língua como segunda língua, ele ter esse contato com a outra comunidade, que é a comunidade surda e as vezes não tem esse intercambio, não tem esta extensão, as vezes ainda isso fica solto então esse professor falta trazer essas coisas novas ainda para sua prática pedagógica que ainda não acontece .

5 Qual é a sua maior dificuldade no estudo da Língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

Há são várias, entender mesmo a própria literatura surda, o próprio referencial teórico. Eu acredito assim pra você (...). Eu mesmo que sou ouvinte que tá tentando compreender a língua natural e ai eu faço esse recorte para a língua brasileira de sinais é muito difícil é muito complicado, você fazer essa diferenciação pra a língua portuguesa para a Língua Brasileira de sinais, perceber qual é a diferenciação o que mudou o que não mudou é acerca dos parâmetros

mesmo, acerca da estrutura linguística é muito difícil principalmente para quem é ouvinte. Outra dificuldade também que eu percebo é no curso ter língua portuguesa, literatura e Libras aí você começa a mesclar vários é (...) disciplinas várias outras coisas e foge um pouco do foco da Libras, ou seja, você vai ter duas habilitações mas no que você quer se aprofundar as vezes você fica se perdendo um pouco. Então você não consegue traçar seu objetivo naquilo que você realmente deseja, então você ou se aprofunda na Libras ou se aprofunda na Língua Portuguesa e na Literatura. Isso pra mim também foi uma das dificuldades e quando eu observei também a grade curricular do curso de Letras eu percebi que como eu já havia decidido que eu queria habilitação na Libras eu percebi que tinha poucas disciplinas que pudesse me favorecer um conhecimento maior na minha área, que eu realmente desejei posteriormente quase no final do curso, então isso também é uma das dificuldades, além falta do contato com a comunidade, além dessa mesclagem das disciplinas tira um pouco o foco daquilo que você quer aprender como segunda Língua no caso a Libras.

6 Você costuma utilizar alguma ferramenta para o estudo nessa área, além do que é cobrado pela Universidade?

Sim, eu uso material visual, muito vídeos, baixo vídeos também na internet, e também além de ser sugestões já deles né? Eu consigo aprender mais assim, leio outros textos e converso com outros colegas que já tem um pouco mais... a fluência pra tentar aprender mais sobre a Língua Brasileira de Sinais.

7 Em sua opinião, no que se refere à oferta das disciplinas de Libras, o curso atendeu as necessidades da formação? Justifique.

Não, acredito que assim, faz com que a gente aprenda sim, mas não atende por que eu acredito que precisaria mais de (...) de (...) disciplinas, mais de (...) de (...) projetos de extensão mesmo pra que consolidasse mais essa formação professores de segunda Língua, como a Língua Brasileira de Sinais.

8 Em sua opinião quais as principais dificuldades que pode existir ou existe na relação “ser professor” e “Estudante surdos”?

A dificuldade maior? (...) é trabalhar a Língua Portuguesa, eu acredito que é uma das principais dificuldades por que eu observei até mesmo no estágio que nosso grupo não tem estrutura gramatical e não conhece a Língua Portuguesa. Outra dificuldade é a aquisição da Libras que muitos dos surdos que chegam na escola já aprendem a Libras tardiamente. Então essa aquisição tardiamente também é uma das dificuldades do ser professor de que está se formando agora que vai receber esse aluno, esse sujeito na escola.

9 Em sua opinião quais as competências são necessárias ao professor de surdos? Você se considera um profissional com essas competências?

Ainda não eu ainda estou em processo, por que um profissional para ensinar a Língua Brasileira de Sinais com sujeitos surdos ele precisa ter conhecimento teórico e prático, então não adianta ele só saber as teorias, mas também não ter a fluência da Língua natural. Além disso, ele precisa conhecer o sujeito como um todo, como começou esse processo da aquisição desse surdo, de que forma eu posso trabalhar com esse surdo? ... Como eu vou fazer isso? De que forma eu vou? Montar a minha prática pedagógica, a metodologia, quais então vai ser meus objetivo para poder atingir o aprendizado na sua totalidade desse surdo? Então eu ainda acredito que estou em processo até por que eu busco outras formações eu estou terminando a graduação, mas eu já sou formada em Pedagogia e quero fazer outras formações para que eu venha realmente desenvolver a aquilo que a faculdade não pôde me sanar diante do ensino.

E4 - ESTUDANTE 4

1 Quando Ingressou na Licenciatura em Letras/Libras/Língua Inglesa você já conhecia a língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

Não conhecia profundamente, assim a língua em si, eu conhecia só por ouvir falar. Tinha umas cartelinhas que a gente recebia na rua com o alfabeto manual em Libras, aí foi o que me despertou, eu achava curioso, achava interessante aquilo ali, porque até então para mim aquilo ali, a língua do surdo era o alfabeto manual por falta desse conhecimento, mas quando eu ingressei aqui eu vim mais por curiosidade e porque eu queria aprender mesmo essa língua, o que me trouxe pro curso foi a Libras mesmo, mas não conhecia assim profundamente, como precisa mesmo eu não conhecia era só por falar e através, como já falei dessas cartelinhas que a gente recebia na rua.

2 Você é fluente em Libras? O que impediu ou possibilitou essa fluência?

Não, fluente eu não sou e também não houve um aprendizado satisfatório até porque uma das coisas que decepcionou um pouco no curso foi isso. Porque quando você entra no curso Letras Libras, você pensa que vai ter disciplinas voltadas mais pra Libras, pelo menos no curso, quando eu entrei em 2010 a realidade foi outra, nós tínhamos mais literatura e língua portuguesa, teve um tempo que nós ficamos até sem a disciplina de libras então isso prejudicou um pouco o aprendizado e hoje posso dizer que vou sair e vou correr atrás disso aí desse prejuízo, dessa deficiência na área da Libras. Eu não vou sair fluente e o que eu sei é muito pouco pra poder atuar como professor, como docente na área de Libras.

3 Caso a resposta da segunda pergunta seja negativa (você não é fluente em Libras), você conseguiu aprendê-la ao longo do curso? Justifique.

Eu não saí fluente, mas ao longo do curso eu obtive mais conhecimento da Libras não pra sair com fluência, a gente nunca pode dizer que saí totalmente sem nada não, porque do meio do curso pra frente começou a entrar professores surdo, começou a ter mais professor de Libras a biblioteca também ofereceu mais livros na área então como se diz a gente ficou com a defasagem por que no início a gente não teve por um bom período, tantos materiais, como professor, quanto surdos também pois não tinha na universidade tantos, mas o pouquinho que aprendemos deu pra termos uma noção do que é essa língua esse mundo do surdo pra você buscar mais, mas eu digo assim aprendi um pouco eu não posso dizer que eu saí sem nada mas não foi o suficiente, não foi o que eu esperava. Quando eu entrei no curso eu pensava que ia ter mais, mas o pouco que eu aprendi eu acho que me motivou a buscar mais a quando sair do curso eu vou buscar me aperfeiçoar mais e procurar aprofundar mais nessa língua mesmo que é a Libras, que algo que me trouxe pro curso, mas eu aprendi sim alguma coisa eu fico triste por não ter tido mais no início por que hoje aqui a gente já tem mais surdos que a gente pode conviver e eu acho que um ponto muito forte que contribuiu pro não aprendizado da língua, de qualquer língua é você não ter o contato com essa comunidade o que falta aqui é você ter contato com a comunidade surda pra desenvolver por que parte teórica te dá um embasamento te dá um conhecimento, mas, o que vai te trazer esse aprendizado mesmo, essa prática da língua é o dia a dia é o contato com o surdo com essa comunidade surda eu acho que isso é que faltou e isso é que a gente tem que correr atrás de buscar o surdo de conversar com eles de procurar uma comunidade surda, a universidade precisa colocar os alunos mais perto dos surdos trazer mais os surdos pra a universidade pra poder promover esse desenvolvimento do estudante enquanto aluno de Letras Libras.

4 No que se refere ao ensino da Libras como você percebe o fazer pedagógico dos docentes no Centro de Formação de Professores?

Falando desde o início do curso, no início tinha uma defasagem muito grande de professores, até porque só tinha a professora Y pra atender todas as demandas do curso e foi em função disso que nós ficamos sem as disciplinas de Libras. Nossa turma como foi à primeira acho que foi a que ficou mais prejudicada, mas ao longo do curso quando foi entrando outros professores, hoje mesmo já tem uma professora surda e acho que o curso hoje está tomando forma, apesar de nossa turma não ter aproveitado, ter usufruído desse momento. Quem entra hoje no curso tem outra perspectiva, não pode dizer que não vai aprender Libras, porque hoje o CFP tem uma estrutura, tem professores capacitados, tem professores que atendam a demanda do curso, hoje vai depender do aluno querer aprender se esforçar e buscar coisa que no nosso tempo a gente não teve porque era uma professora pro CFP todo, também hoje tem surdos no CPF, onde você pode ter um contato maior com surdos, coisa que a gente não tinha no início por que, eu acho que pra você aprender a Libras você tem que ter o contato com a comunidade surda e quando a gente entrou não tinha isso e hoje os alunos que vão adentrar no CFP hoje já tem essa possibilidade esse contato professor surdo e ter o aluno surdo, então o aprendizado vai ser outro. Eu fico muito triste e feliz ao mesmo tempo, triste porque a gente não teve essa oportunidade e feliz porque os que vão entrar e os que estão ai vão ter essa oportunidade de aprender e sair daqui, não fluentes mais sabendo um pouco mais da Libras pra atuar no mercado de trabalho.

5 Qual é a sua maior dificuldade no estudo da Língua Brasileira de sinais – Libras? Justifique.

A maior dificuldade que eu tenho é na parte de conversação mesmo, porque a gente tem a parte teórica, a gente aprende, a gente ler, a gente vai em muitas fontes a gente pesquisa na parte teórica a gente tem muito, tem muita coisa que eu aprendi na parte teórica, mas a prática mesmo ali o dia a dia a conversação com o surdo hoje mesmo eu acho que eu não tenho essa capacidade de chegar pro surdo e conversar com ele sem ter o interprete, isso pra mim é muito triste eu está saindo do curso e eu não conseguir isso anda. Então eu acho que a minha maior dificuldade é essa, não poder conversar, ter essa conversação esse diálogo com os surdos usando a língua de sinais sem a presença de um interprete.

6 Você costuma utilizar alguma ferramenta para o estudo nessa área, além do que é cobrado pela Universidade?

Sim porque se a gente for depender do que é cobrado aqui, é muito pouco pra você aprender uma língua e desenvolver uma língua, eu acho que é muito pouco ai eu procuro ver vídeos tenho aplicativos também onde você pode aprender sinais, eu tenho procurado conversar nas redes de sociais, eu tenho um surdo, que a gente conversa, é um lugar que eu acho que a gente mais tem acesso, as redes sociais, as novas tecnologias é um meio que ajuda, uma ferramenta que ajuda nesse aprendizado.

7 Em sua opinião, no que se refere à oferta das disciplinas de Libras, o curso atendeu as necessidades da formação? Justifique.

Não, até porque como eu já havia falado a grade curricular do curso eu acho que é muito voltada pra literatura e língua portuguesa, sendo que o curso é Letras Libras, então a gente teria que sair daqui habilitado em Letras Libras. Então a gente sai mais habilitado em Língua portuguesa e quem se interessar em literatura porque tem muita Literatura brasileira um dois e três, Literatura portuguesa Literatura Africana tem tudo, tem literatura pra todo gosto e Língua portuguesa você tem bastante mais as disciplinas de Libras você não tem, você tem as três obrigatórias a um, a dois, a três e a primeira e as optativas se você tiver possibilidade de

pegar. Então eu acho que deveria ser reformulado e eu acho que já está sendo, pra oferecer mais disciplinas voltadas pra Libras porque desde quando eu escolhi o curso Letras Libras, quando eu escolhi a Libras e não a Língua Inglesa, isso supõe que eu quero ter mais disciplinas dessa língua, da Libras. E isso eu acho que a gente ficou a desejar, o curso deixa a desejar pelo menos pra mim, que foi a primeira turma, deixou a desejar a gente teve muito pouco nessa área e por isso a gente não sai tão fluente, a gente não sai com tudo que a gente poderia ter nesse curso de Libras, mas isso não quer dizer que a gente não possa correr atrás, tudo depende do esforço se a gente correr atrás do prejuízo, o que não teve aqui a gente buscar fora daqui.

8 Em sua opinião quais as principais dificuldades que pode existir ou existe na relação “ser professor” e “Estudante surdos”?

Nessa relação em ser professor e estudante surdo, eu já tive uma experiência no estágio onde eu fui para a sala de aula onde eu tinha um estudante surdo e tinha interprete e só que tudo que era feito ali, tudo que era... A aula era toda programada pro ouvinte não era pro surdo. Então há maior dificuldade é o diálogo e você ter essa comunicação entre o professor e o aluno porque não existe, o professor está ali, o professor não conhece, muitas vezes não tem o conhecimento da Libras, não tem o domínio, ele domina a disciplina dele a língua dele que é a língua portuguesa, mas ele não tem o domínio da Libras. Então isso já é um impedimento para ter esse contato precisa sempre do interprete então eu acho que a maior dificuldade eu acho é essa o professor não está preparado, não tem esse domínio da língua não conhece essa cultura do surdo não, conhece a língua do surdo, a realidade do surdo e tem muitos que as vezes nem se interessam pelo fato de não saber, não se interessam não buscam conhecer o surdo as especificidades que o surdo tem. Então ocorre esse distanciamento do professor e o aluno, fica tudo sobrecarregado, fica tudo embargo do interprete, eu acho que a maior dificuldade é essa o professor não ter esse conhecimento da língua.

O medo vai ser esse, ter saído de um curso de Letras Libras e ai eu vou pra a escola vou ser professor minha sala vai ter um aluno surdo e eu não sei Libras o suficiente pra poder criar metodologias, criar meios pra incluir aquele aluno, não inserir somente ele na sala de aula, mas incluir o aluno. Eu acho que o maior desafio vai ser esse, eu procurar enquanto professor estando na sala de aula com aluno surdo, meios e metodologias que eu possa inserir incluir aquele aluno no dia a dia na sala de aula e não deixar ele de lado, acho que a maior dificuldade vai ser essa as metodologias pra usar pra esse aluno surdo, pra trazer esse aluno pra sala de aula, fazer ele ser visto e trazer esse conhecimento mesmo, resolvi buscar o conhecimento da Libras a cada dia pra você poder vencer esses obstáculos em sala de aula, pra mim vai ser essa a dificuldade o conhecimento da língua, a gente não sai daqui com essa bagagem pronta pra ser um professor, eu hoje não me acho habilitada pra ser um professor de um surdo. Eu posso até tentar, mas eu acho que eu vou ter que buscar muito ainda, pesquisar muito, aprender muito e isso só se aprende tendo contato com ele, descobrindo mesmo necessidades deles e buscando o melhor caminho pra poder contornar essa deficiência que até hoje ainda existe na educação do surdo.

9 Em sua opinião quais as competências são necessárias ao professor de surdos? Você se considera um profissional com essas competências?

Bem a competência, eu acho que já foi até falado anteriormente, são muitas, o conhecimento da língua mesmo em si, da Libras, um pouco do domínio também dela, você conhecer a cultura surda, conhecer as necessidades desse aluno, saber que ele tem o direito de ter a sua língua como primeira língua que é a Libras pra depois sim ele adquirir a língua portuguesa como segunda língua, isso a gente sabe que não acontece porque a maioria dos surdos adquire a língua portuguesa como primeira língua e isso interfere muito no aprendizado dele. Então

diante disso tudo eu não me considero um profissional pronto com essas competências não, eu me considero uma profissional que vou sair daqui uma pessoa mais consciente, uma pessoa mais sensível à realidade do surdo e saber que você precisa ter um ensino diferenciado, uma metodologia diferenciada, mas vai ter momentos que eu não vou saber que metodologias usar, vou me sentir um pouco perdida sim, mas eu creio que a vontade de você aprender, de você poder ajudar alguém que depende de você em certo ponto da sua boa vontade, do seu bom senso, de você adaptar as suas aulas, adaptar as suas coisas sabendo que tem alguém ali que precisa de algo diferenciado como o surdo, mas pra isso eu preciso conhecer a realidade do surdo, conhecer a sua cultura, suas diferenças, suas especificidades. Eu acho que a gente precisa emergir nesse mundo do surdo, sentir como o surdo sente pra você poder saber das necessidades e ter essa sensibilidade pra poder ser um bom profissional, ser um profissional habilitado em língua de sinais e pra ser professor de surdos, mas no momento eu digo que eu não me considero um profissional assim, pronto pra o mercado de trabalho não, quero um dia poder ser, isso é meu maior sonho é poder um dia ensinar língua portuguesa para surdos, meu sonho é trabalhar com surdos e minha meta é sair da graduação e me especializar na área de Libras voltada para o ensino de língua portuguesa para surdos.

APÊNDICE C – ENTREVISTA DOS DOCENTES

ENTREVISTA AOS DOCENTES DA LICENCIATURA EM: LETRAS/LIBRAS – UFRB/CFP

D1 - DOCENTE

1- Qual a sua formação? Como esta contribuiu na sua pratica docente para atuar no curso de Letras\Libras?

Primeiro, sou formada em Pedagogia, fiz especialização em Educação Especial e não tive de fato uma formação em Letras/Libras eu fiz a proficiência do MEC PROLIBRAS em 2007 e foi com essa proficiência que eu comecei ensinar Libras no ensino superior. O que mais contribuiu para minha prática docente no de curso Letras Libras foram às experiências que eu tive desde 2000 no ensino de Libras com surdos, seja em Libras como L1 e Língua portuguesa como L2 e também experiência enquanto interpretes em ambientes não formais, então eu acho que essas experiências que constituíram saberes para a minha prática docente.

2- Há quanto tempo você ensina na área de Libras no ensino superior?

Ensino a disciplina Libras desde 2007, por tanto há mais ou menos nove anos, mas estou na UFRB desde 2009, por que anteriormente ensinava em outras instituições de ensino superior, mas instituições privadas.

3- Qual sua maior dificuldade enquanto docente de LIBRAS, no que se refere ao ensino dessa língua em específico na UFRB? Justifique.

No que tange a Libras no curso de Letras Libras eu acho que assim, realmente a dificuldade maior é por que só tem quatro componentes mais metodologia e estágio pra formar um profissional na área de Libras. Então essa é uma dificuldade e como nós temos discutido há quatro anos um novo currículo, e por que ainda a gente de fato não Implementou? Por falta de professor é por que nós temos hoje, atualmente quatro professores e como a mudança de currículo nós vamos ter treze a quinze componentes fora as optativas e de fato a gente não tem professor pra atender essa demanda. Então a gente acaba ficando sobrecarregado, a caba não definindo nossa área de estudos, então de fatos a gente tem que ensinar quirologia, morfologia, sintaxe, pragmática e às vezes a gente quer estudar de fato nossa área de pesquisa aprofundar em uma área desses aspectos linguísticos da Libras e por falta de professor a gente não tem conseguido efetivar isso. Então na medida em que os colegas estão chegando à gente está tentando amenizar isso onde cada um possa ter uma área de estudo com mais aprofundamento, construção de material pra gente poder consolidar esse ensino de Libras na UFRB. Outra questão também é a falta de estrutura física, de um laboratório às vezes faz falta ter um espaço mais acessível, a gente está fazendo isso agora de maneira ainda adaptada, a gente não tem muita filmadora, muito tripé para que a gente possa está proporcionando mais atividades com o desenvolvimento da língua e m si e da prática da língua, da conversação, ou seja, das competências em sinalizar e traduzir, mas acho que a grande dificuldade que apresenta é essa mesmo, justamente o número reduzido de componentes curriculares pra formar o professor decorrente também da falta de docentes na universidade. A gente tem que pegar várias disciplinas com ementas que contemplam vários aspectos da linguística da língua de sinais e às vezes a gente tem que estudar muito, e às vezes a caba não conseguindo estudar de fato aquilo que a gente gostaria de maneira mais aprofundada, mais específica.

4- Geralmente quais os espaços de prática da Libras, em suas aulas?

Depende dos componentes que de fato que a gente acaba lecionando, há alguns componentes que não nos permitem dá uma carga horária maior para atividades mais de conversação e tradução, em outras nem tanto, outros não permitem por que requer uma construção teórica maior, então a gente sempre acaba fazendo a divisão, a gente pega a carga horária divide em x aulas práticas que são justamente de conversação e x aulas teóricas onde a gente trabalha questões mais aprofundadas da Língua Brasileira de Sinais. Então eu sempre faço essa divisão, sempre existe, ultimamente nesses últimos anos que eu tenho lecionado eu tenho cobrado mais atividades também em casa onde o aluno produza mais vídeos, envie, justamente por que nosso tempo na universidade têm sido curto. Então há algumas disciplinas que a gente pede produção de vídeo pra o aluno ao invés de conversação em sala de aula, até quando a gente tem um número muito grande de alunos, quando eu tenho um número reduzido facilita, mas quando eu tenho um número grande de alunos dificulta uma conversação em sala de aula, mas a gente faz de fato.

5- Qual a língua de instrução nas suas aulas. Explique o motivo dessa escolha.

Eu ministro, quando trabalho questões teóricas na língua portuguesa, justamente pela ausência de uma aquisição maior dos alunos, então as partes teóricas eu trabalho em língua portuguesa. Eu divido a aula quando eu vou trabalhar com essas práticas de conversação, aí a gente trabalha na língua de sinais, a gente tranca a boca, esquece e trabalha a língua de sinais, mas tem sido muito difícil porque os alunos chegam já no sexto semestre sem uma conversação de fato, razoável ou intermediária que possibilite apenas aulas em Libras. Muita gente acaba sempre utilizando a língua portuguesa. Eu sou ouvinte, eu prefiro trabalhar em língua portuguesa as questões teóricas, mas independente disso os alunos não teriam, não tem condições comunicativas de desenvolver uma discussão teórica da língua de sinais com termos muito específicos, por isso eu acabo também optando pela língua portuguesa.

6- O currículo do curso contempla as necessidades para formar do professor de Libras?

Não, o currículo que nós temos atualmente não contempla a formação do professor de Libras, não contempla a formação, nos temos quatro anos já mudando esse currículo, talvez não está o currículo ideal, mas, é um currículo que a gente do (NDE) Núcleo Docente Estruturante, agente tem priorizado justamente as deficiências do curso que é justamente a prática da Libras. Então no currículo novo o aluno vai ter um ano e meio só com componentes curriculares, que são três pra trabalhar a prática da Libras que é a questão da proficiência mesmo, da aquisição e outros componentes também que nós conseguimos agregar, outras leituras dentro desse currículo. Então a gente já vem discutindo isso há quatro anos, mas de fato não concluímos essa transformação do currículo, uma das questões foi à falta de professores. Quando a gente propõe um currículo novo e a gente não tem professor pra ofertar esse currículo novo, então isso dificulta bastante, mas a gente sabe das nossas deficiências. Uma questão muito importante do curso Letras Libras da UFRB, é por que ele é um curso de dupla habilitação ou dupla terminalidade o que isso significa? O aluno ele não sai só com um diploma pra ensinar a Libras, mas ele sai com diploma pra ensinar também a Língua Portuguesa exceto o caso dos surdos em que podem fazer a opção de sair com diploma apenas para ensinar a Libras. Então uma das questões que eu pontuo que são muito importantes nessa formação, que contribui muito pra essa formação do professor de Libras é que eles acabam vendo muito aspectos linguísticos da Língua Portuguesa e Literários também. Então quando a gente vai trabalhar morfologia e sintaxe e outras questões eles já tem uma base teórica, então

eles acabam aprendendo as questões da Libras como uma segunda Língua isso facilita muito o aprendizado, então muitas das questões que nós trabalhamos eles fazem uma revisão daquilo que eles viram. E uma questão importante também é por que nossos alunos (...) Embora a gente tenha poucas disciplinas de Libras eles acabam tendo experiências através de pesquisa e extensão, muito desenvolvimento de trabalhos científicos na Libras, podendo fazer essa transposição, essa articulação com algumas questões que eles veem em Libras, com isso a gente tem agregado outros docentes de outras áreas que tem também discutido mais algumas questões pontuais acerca da Libras dentro claro do seu campo de estudos, mas que tem se atentado também para uma perspectiva de poder compreender aquele fenômeno, não só em Língua Portuguesa mas como também dentro da Libras. E isso tem contribuído muito na formação, que é o diferencial por que assim, muitos cursos que ocorreram em Letras/ Libras, por exemplo, os alunos não tiveram muita experiência com pesquisa e com extensão, então dificultou muito a formação né? Uma formação que você não tem essas vivências. Então nossos alunos eles têm uma gama de oportunidades em pesquisa e extensão de poder refletir sobre a Libras embora não seja dentro dos componentes curriculares de Libras. Então isso também é positivo, contribui para essa formação.

7- Em sua opinião os estudantes adquirem fluência ao longo do curso? Justifique.

Não, como já foi posto eles não conseguem uma fluência e talvez no currículo novo apesar de o currículo ser construído com base nessas dificuldades de fluência mesmo, nós priorizamos isso, talvez muitos alunos chegue ao oitavo semestre sem a fluência na Libras, porque a fluência da Libras (...) porque para adquirir a fluência na Libras a pessoa tem que está em imersão na cultura, uma imersão com os usuários da língua e eu acho que os alunos tem dificuldade nesse processo. Então a gente vai precisar de muita atividade de extensão, envolvimento em outras questões e a gente não tem uma comunidade de surdos fortificada, ativa, para que esses alunos possam se envolver. Então eles acabam não tendo a fluência com exceção daqueles que realmente se engajam com esses surdos ou com trabalhos voltados pra esses surdos, que procuram pesquisas que procuram extensões, por exemplo, nos temos um grupo de alunos que participam do projeto de formação de tradutores no IFBA ali, em Santo Antônio. Então esses alunos estão traduzindo e interpretando, outros alunos que não fizeram extensão, mas começaram com a tradução também e também desenvolveram experiência com ensino, seja com ensino ou com a tradução na escola básica contribuiu muito pra proficiência dos alunos, embora não foi efetivo da universidade, mas através do curso Letras Libras, através de experiências que eles tiveram, seja na classe bilíngue, seja no atendimento educacional especializado, na sala de recursos ou nas salas inclusivas, salas regulares inclusivas onde eles atuaram como interpretes de alunos surdos inclusos. Então essas experiências têm contribuído sim, muito, não só em Amargosa, mas nas cidades circunvizinhas, nós temos alunos em Mutuípe atuando, em Brejões e em Elísio Medrado. Então essas experiências que eles adquiriram durante a formação são de fato, eu acho, que alicerce pra sua futura prática e principalmente aquisição da Língua de sinais de forma a ter uma fluência, é realmente está em contato com os surdos.

**ENTREVISTA AOS DOCENTES DA LICENCIATURA EM: LETRAS/LIBRAS –
UFRB/CFP**

D2 - DOCENTE 2

1- Qual a sua formação? Como esta contribuiu na sua prática docente para atuar no curso de Letras\Libras?

Sou formada em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo UFBA. As experiências durante o período do curso somadas com as do estágio com crianças surdas, além de muitas outras experiências que vivenciei na universidade contribuíram para a minha prática docente.

2- Há quanto tempo você ensina na área de Libras no ensino superior?

Eu iniciei em maio de 2013 na UFBA como professora substituta e atuei lá até o mês de dezembro quando fui aprovada no concurso para docente efetivo da UFRB e estou até hoje lecionando a disciplina Libras.

3- Qual sua maior dificuldade enquanto docente de LIBRAS, no que se refere ao ensino dessa língua em específico na UFRB? Justifique.

Como docente encontro algumas dificuldades, uma delas é o curto período para ministrar a disciplina, visto que a ementa contém muitos conteúdos para uma carga horária de sessenta e oito horas por este motivo muitas vezes é necessário selecionar os principais conteúdos para evitar prejuízos. Outra dificuldade que encontro é a ausência de alguns discentes ou se atrasarem por motivos climáticos ou por residirem em cidades distantes, além disso, existe a dificuldade de comunicação com os discentes, visto que os mesmos não tem fluência.

4- Geralmente quais os espaços de prática da Libras, em suas aulas?

Em minhas aulas sempre trabalho com a teoria e a prática, porém o tempo é curto para dar conta de todos os conteúdos apresentados na ementa da disciplina de sessenta e oito horas. Apresento a teoria, mas priorizando sempre a prática da Libras mesmo diante das dificuldades encontradas com a carga horária. Devido a algumas situações os discentes faltam e perdem muitas aulas e por essas dificuldades é necessário ajustar o cronograma e conseqüentemente há um prejuízo na prática da Libras.

5- Qual a língua de instrução nas suas aulas? Explique o motivo dessa escolha.

As aulas são ministradas em Língua de Sinais, porém devido a falta de fluência dos alunos é necessário a presença do intérprete, pois os alunos sabem o básico da Libras alguns só sabem o alfabeto manual e, portanto se torna inviável ministrar as aulas com conteúdos densos em Libras sem a presença do intérprete. No Sul, por exemplo, na UFSC, não há a necessidade de intérpretes durante as aulas, pois os discentes são fluentes em Libras. Mas a Libras é a língua de preferência para o ensino e assim como o inglês é necessário muito treino.

6- O currículo do curso contempla as necessidades para formar do professor de Libras?

O currículo apresenta poucas disciplinas de Libras e a carga horária é pequena, por esse motivo estamos reformulando o currículo do curso Letras Libras para que haja de dez a treze componentes da disciplina Libras. Atualmente existem quatro docentes da disciplina, mas

estamos caminhando em direção à construção do PPC. O currículo é bom, mas ainda não é o adequado.

7- Em sua opinião os estudantes adquirem fluência ao longo do curso? Justifique.

A maioria dos discentes conclui o curso com um conhecimento muito básico da língua de sinais por utilizarem muito a língua portuguesa e praticarem pouco a Libras. Mas existem outros que conseguem se desenvolver e adquirir a fluência. Poucos são os que me procuram para auxiliá-los mesmo cientes de que estou disponível para atendimento no meu gabinete, pois ficam com receio e sempre pedem o apoio do intérprete para intermediar a comunicação.